

**AMÉRICA  
LATINA**

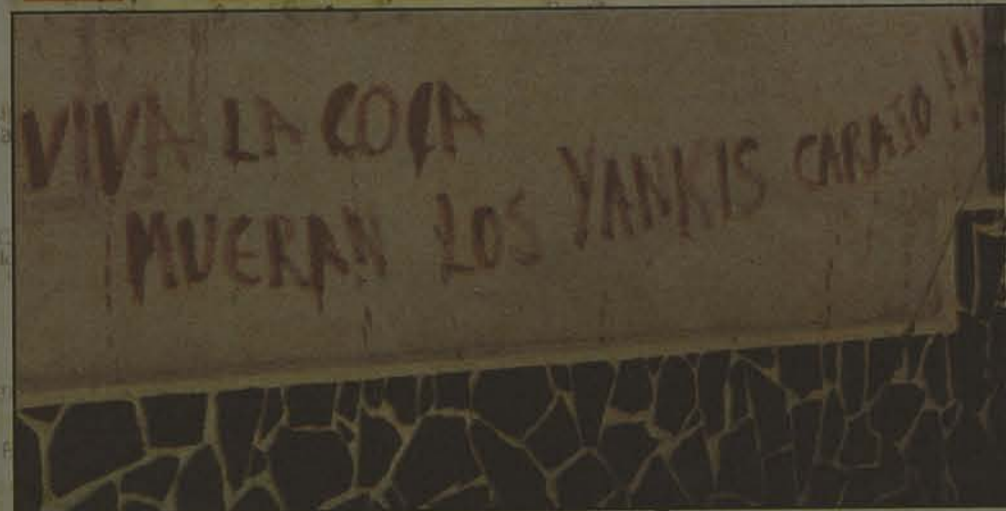
# ZERO

**FLORIANÓPOLIS  
OUTUBRO DE 1999  
ANO XVI, Nº 1**

## AMAZONIA E AMÉRICA LATINA



# SITIADAS



## MAS HÁ RESISTÊNCIA

**E mais:**

**Colômbia**

**Paraguai**

**Chile**

**Venezuela**



## ZERO

ANO XVI - Nº 1  
OUTUBRO 1999  
CURSO DE JORNALISMO  
CCE - COM  
UFSC

\*\*\*\*\*

3º Melhor  
Jornal-laboratório  
do Brasil  
Expocom 94

Melhor Peça Gráfica  
I, II, III, IV, V e XI  
Set Universitário  
88, 89, 90, 91, 92 e 98

Jornal-laboratório do  
Curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de  
Santa Catarina  
editado pelo  
Laboratório de Infografia

Concluído em 19 de outubro

**Arte:** Hermenegildo Sábat  
**Apoio irrestrito:** Oficina de Produção Gráfica (valeu Neila)  
**Colaboração:** Clóvis Geyer, Dubes Sônego Jr, Rogério Mosimann  
**Copy-write:** Jornalistas e professores Ricardo Barreto e Flávio Sturdze  
**Direção de arte e de redação:** Ricardo Barreto  
**Edição:** Fabrício Rodrigues, Lúcio Lambranhão (sênior), Andrea Fischer, Jônatas Kosmann, Leonardo Collares  
**Editoração eletrônica:** Jônatas Kosmann, Pedro Valente  
**Fotografia:** Dubes Sônego Jr, Rogério Kiefer, Rogério Mosimann  
**Infografia e tratamento de imagens:** Jônatas Kosmann  
**Serviços editoriais:** AFP, Carta Capital, Clarín, Combatente de Selva, Época, El Tiempo, La Nación, Libération, Notícias  
**Textos:** Clarissa Moraes, Leonardo Laps, Lúcio Lambranhão, Rogério Kiefer e Valdecir Becker  
**Tudo:** Ricardo e Jônatas  
**Prepress:** Artline  
**Impressão:** Diário Catarinense  
**Depressão:** depois que o DC imprime  
**Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-COM), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis/SC  
**Telefones:** (48) 331-9490 e 331-9215  
**Fax:** (48) 331-9898  
**Home Page:** www.jornalismo.ufsc.br  
**e-mail:** zero@cce.ufsc.br  
**Circulação:** gratuita e dirigida  
**Tiragem:** 5.000 exemplares

**Fotos da capa:** Combatente de Selva e Dubes Sônego Jr

# Pretenção hegemônica

"A mais grave ameaça sobre a imprensa brasileira desde os tempos da ditadura". Esta é a opinião do jornalista Alberto Dines sobre a parceria das empresas Folha da Manhã, que edita a *Folha de São Paulo*, e a InfoGlobo Comunicações, que publica o jornal *O Globo*, que se associaram para lançar um novo jornal especializado em economia. A parceria vai gerar outra empresa independente, ainda sem nome definido, que terá participação de 50% de cada sócio. A publicação será de âmbito nacional e começará a circular no segundo trimestre de 2000.

A sede do novo jornal, cujo nome também não foi definido, será em São Paulo, mas terá impressão simultânea no Rio de Janeiro, com transmissão de páginas via satélite. Conforme anunciaram Luís Frias, presidente do Grupo Folha e João Roberto Marinho, vice-presidente da InfoGlobo e das Organizações Globo, o investimento será de US\$ 50 milhões, financiado pelas próprias empresas. Vão ser contratados 150 jornalistas para trabalhar na sede, em São Paulo. A futura publicação pretende valorizar fotos e gráficos coloridos e vai circular de segunda e sexta-feira dia previsto para a edição especial do final de semana.

A associação foi anunciada no começo do mês e visa a liderança do mercado. "Tudo que não for o número um não nos interessa" acredita Frias. Marinho disse que as duas empresas viram nessa associação uma "união forte e imbatível para produzir um jornal de qualidade". Seu sócio garante que a associação segue uma tendência mundial, em que empresas concorrentes em alguns setores podem se unir quando há convergência de interesses e potencial de mercado.

Frias lembra que os grupos Folha e Globo tem os dois maiores parques gráficos da América Latina e os dois melhores sistemas de distribuição de jornais diários do país. "Isso vai facilitar a conquista do mercado". Comparando o Brasil aos Estados Unidos, o presidente do Grupo Folha disse que *The Wall Street Journal*, maior jornal de negócios dos Estados Unidos é também o de maior venda. "Já no Brasil, o principal jornal de informação financeira é o décimo no

ranking de jornais". Um outro indicador do potencial do mercado, segundo ele, é a constatação de que nos Estados Unidos o principal jornal econômico vende mais do que as revistas especializadas na área, fato que não ocorre no Brasil.

Na avaliação de Luís Frias, o objetivo da nova publicação é oferecer um produto de alta qualidade. "O jornalismo econômico encontra-se ainda em fase de subdesenvolvimento no Brasil, e pode haver um crescimento acelerado do mercado", acrescentou. Os dois

da América Latina", declarou, destacando que atualmente ele é impresso em 12 capitais brasileiras e publica 19 suplementos locais. Além de editar semanalmente o tablóide *Gazeta Mercantil Latino-Americana*, que circula junto com jornais do Uruguai, México, Estados Unidos e mais 11 diários argentinos.

A *Gazeta Mercantil* possui hoje 115 mil assinantes. Já a circulação do jornal *O Globo* está estimada em 300 mil exemplares nos dias úteis e 500 mil, aos domingos. A circulação da *Folha* de S. Paulo

Fernando Portella, vice-presidente do jornal *O Dia*, diz que a principal vantagem, através da sinergia será a queda dos custos industriais, enquanto o *JB* vai melhorar sua qualidade de impressão. Outra vantagem, conforme Portella, será a venda casada de anúncios, onde o anunciante que quiser atingir o público dos dois diários terá uma tabela única com descontos. "Nosso concorrente, *O Globo*, tem a prática da exclusividade de anúncios", explicou. "Com a tabela casada, vamos poder dar uma opção mais democrática ao mercado". Ele lembra que *O Dia* é líder nas classes B, C e D, enquanto o *JB* tem influência entre os formadores de opinião. "É um pacote competitivo para os anunciantes", assegura. A parceria, que será concretizada após ajustes técnicos e de compatibilidade de formatos do *Jornal do Brasil* ao sistema de *O Dia*.

**Críticas-** O jornalista Alberto Dines condenou a parceria no artigo intitulado A chocante parceria Globo-Folha na edição eletrônica de 5 de outubro do Observatório da Imprensa, enfatizando que "apesar da promessa dos 150 novos postos de trabalho nas redações e dos investimentos de 50 milhões de dólares, o novo jornal de economia e negócios concentra ainda mais a super-concentrada mídia brasileira".

"Quando a *Folha* dizia por intermédio de seu Diretor de Redação que *O Globo* fazia "jornalismo chapa branca", isso era bom para todos. Quando *O Globo* respondia chamando a *Folha* de "arrogante e irresponsável", também era muito bom para todas as partes (...). Apesar das agressões, a democracia saía fortalecida. Agora, os dois grupos são sócios num terceiro negócio e sócios não brigam, se entendem".

Para Dines, o cidadão comum será o grande prejudicado. Ele estranha o fato do acordo ter sido efetuado antes da aprovação da emenda que altera o artigo 222 da Constituição. "Alterada nossa Carta, a *Gazeta Mercantil* poderia perfeitamente convocar sócios estrangeiros ou capitalizar-se normalmente por meio da adesão de pessoas jurídicas. Fica evidente que a nova associação visa canibalizar a *Gazeta Mercantil*. Não é avanço, é massacre, retrocesso", critica.

O jornalista denuncia que os 150 novos postos de trabalho serão preenchidos com o pessoal que será dispensado dos cadernos de economia de *O Globo* e da *Folha*. "Ou da *Gazeta Mercantil*".

Além disso, Dines diz que a Editora Abril "foi traída pela *Folha*", já que os dois são sócios no provedor UOL de Internet, numa parceria onde cada um divide 50% das ações. A Editora Abril foi informada, indiretamente, quatro horas antes do anúncio do pacto *Globo/Folha* pela redação da *Veja*, que obteve, irônica, a informação através da Internet.

Valdecir Becker

## O Globo e Folha se unem para lançar um novo jornal



Marinho e Frias: antes inimigos, agora aliados

não divulgaram previsões de tiragem do novo jornal.

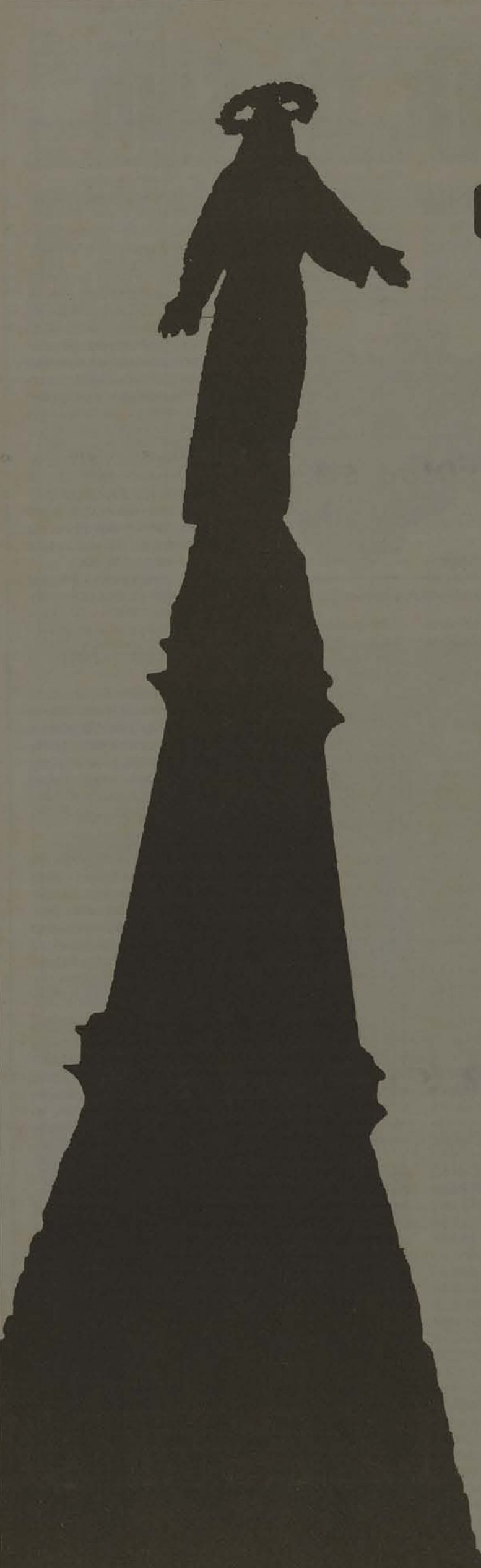
**Boas vindas-** Reagindo ao anúncio, Luiz Fernando Ferreira Levy, diretor-presidente da *Gazeta Mercantil*, divulgou uma nota oficial comentando a iniciativa dos grupos Folha e Globo. Dando as boas vindas à iniciativa, lembrou que a nova parceria produzirá o oitavo periódico especializado nesse segmento. "A *Gazeta Mercantil* é o único jornal brasileiro de circulação nacional, de longe o principal diário de economia e negócios

está calculada em 450 mil nos dias úteis e 650 mil aos domingos.

**Mais parcerias-** No Rio de Janeiro outra parceria surpreendeu o mercado. O centenário *Jornal do Brasil* e *O Dia* fecharam uma parceria operacional e comercial na qual o *JB* passa a ser rodado na recém-modernizado parque gráfico de *O Dia* - que também será responsável pela distribuição em banca. A previsão é que serão impressos 350 mil exemplares diários dos dois jornais cariocas. Os valores da transação não foram divulgados.

Bel Pedros/Folha Imagem





# América Latina entrega seu destino ao neoliberalismo

**M**ais atual do que nunca, tendo em vista a continuidade do imperialismo norte-americano e da sua cobiça sobre os países abaixo do Rio Grande, *Veias Abertas da América Latina* (*Las Venas Abiertas de Latinoamérica*) foi um livro de cabeceira para intelectuais e universitários. É um tratado para pessoas que prezam a soberania dos seus países ou que pôde até ter inspirado militares nacionalistas como o paraguaio Linao Oviedo e o venezuelano Hugo Chávez, duas figuras atuais nem um pouco ligadas à democracia.

Se alguns teóricos dizem que Jornalismo é História feita a queima-roupa, o jornalista Eduardo Galeano escreveu a versão dos excluídos e desmascarou os traidores de todas as pátrias da América Latina num definitivo relato jornalístico e histórico. Antes de ser publicado no Brasil o livro passou pela censura total das ditaduras militares do Chile e da Argentina, além da terra natal de Galeano, o Uruguai. No posfácio da sua 14ª edição brasileira de 1978, o jornalista conta que as respostas mais estimulantes sobre o livro não surgiram de críticos literários de jornais. Os relatos mais interessantes do livro, que mudou a cabeça das gerações que lutaram contra as ditaduras no continente, foram desse tipo: "A moça que ia lendo o livro para sua companheira de assento e terminou pondo-se de pé, lendo em voz alta para todos os passageiros enquanto o ônibus atravessava as ruas de Bogotá; ou a mulher que fugiu de Santiago do Chile, nos dias da matança, com o livro envolto nas fraldas do bebê; ou ainda o estudante que durante uma semana percorreu as livrarias da rua Corrientes em Buenos Aires e foi lendo de pedacinho em pedacinho, de livraria em livraria, porque não tinha dinheiro para comprá-lo". Nesta edição do **Zero**, onde contamos a história recente da espoliação estrangeira, nada melhor do que juntá-las às origens e à história do imperialismo. ***Vamos comparar as duas versões para dizer que as Veias ainda continuam abertas ou até escancaradas para o capital externo.***

Lúcio Lambranco



# A Amazônia é nossa, tio Sam

## Inteligência do exército brasileiro monitora interesses norte-americanos na região

“A guerra não é um objetivo mas uma circunstância que não pode pegar um povo desprevenido”. Com esta frase, o jornalista e escritor Austregésilo de Athayde resumia a política de defesa brasileira na Amazônia iniciada há cerca de dez anos. Parece que o Brasil acordou de um sonho profundo quando as ameaças de intervenção começaram a sair da boca dos principais chefes de estado do mundo e do atual candidato à presidência dos Estados Unidos, Al Gore: “Ao contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é deles é de todos nós”.

Apesar dos princípios fundamentais do artigo 4º da Constituição, como a autodeterminação dos povos e a não intervenção, a situação se altera se qualquer conflito atingir o território brasileiro, ameaça que pode vir do combate à guerrilha colombiana com a participação efetiva dos norte-americanos. Pela orientação estratégica do Plano Nacional de Defesa brasileiro, “o país empregará todo o poderio militar necessário com vistas à decisão do conflito no prazo mais curto possível”. Resta saber se o governo tão alinhado com os interesses americanos vai fazer cumprir este plano.

Desde a volta do regime democrático, os militares brasileiros nunca se manifestaram tanto como nos últimos dois anos, sobre questões relativas a defesa e a soberania do país. A prova disso foram as declarações publicadas pela revista *Carta Capital* na edição de 1º de setembro feitas pelo general Luiz Gonzaga Schroeder, comandante militar da Amazônia. “A tendência da próxima década, isso é claro, e muito claro, é que as intervenções podem e vão acontecer por proteção ao meio ambiente”.

**Cercos Norte-Americanos** - Mas é exatamente de militares que servem em unidades de elite da Amazônia, que o ZERO apurou todo o movimento das tropas americanas nos últimos três anos. São informações confidenciais obtidas pelo serviço de inteligência do Exército brasileiro, que além de conseguir informações no território americano, mantém oficiais e sargentos atuando como garimpeiros do lado colombiano da selva.

Como um quebra cabeças que se encaixa com perfeição, o exército estadunidense treina três divisões de Infantaria para combate na selva na base de Fortkamp nos EUA. Um aeroporto com 3 mil metros de pista e com capacidade para acomodar exatamente o mesmo contingente de soldados está sendo construído na Guiana Francesa com dinheiro do tesouro americano.

A construção de aeroportos com mais de 2.500 metros tem a função, segundo fontes militares, de cercar a área amazônica do Brasil e apoiar missões de todo tipo em caso de conflito armado. São mais seis pistas desse tamanho em construção; cinco no Paraguai (Pedro Juan Caballero, San Pedro, Salto Guaira e Coronel Oviedo) e uma na Colômbia, na cidade de Leticia, que faz fronteira com Tabatinga (AM) no Alto Solimões.

Mas a movimentação dos gringos não se resume a isto. Os militares brasileiros constataram a presença de agentes do DEA (*Drugs Enforcement Agency*) e de mercenários do mundo inteiro, principalmente do Leste Europeu, na fronteira com o Peru. Em Leticia-Tabatinga, no meio da selva colombiana, distante poucos metros da fronteira brasileira, existe uma estação de rádio comandada por um oficial americano.

Outro forte indício da presença militar na região é um efetivo de 67 militares, sendo que 52 são das tropas de elite das chamadas Forças Especiais (FE), na região do antigo conflito de limites entre Equador e Peru. É bom lembrar que o Brasil, como mediador, celebrou um acordo en-

tre os dois países no ano passado, resolvendo mais de 20 anos de conflitos por espaço territorial. E riquezas.

**Espionagem na Amazônia** - A guerra psicológica contra militares brasileiros começou no governo Collor, quando ele resolveu assinar um tratado de cooperação militar com os norte-americanos. Esse tratado foi negado durante anos por vários governos, e permitiu que dois oficiais americanos ficassem como uma espécie de “espões oficiais” em duas unidades de grande importância estratégica do Exército brasileiro.

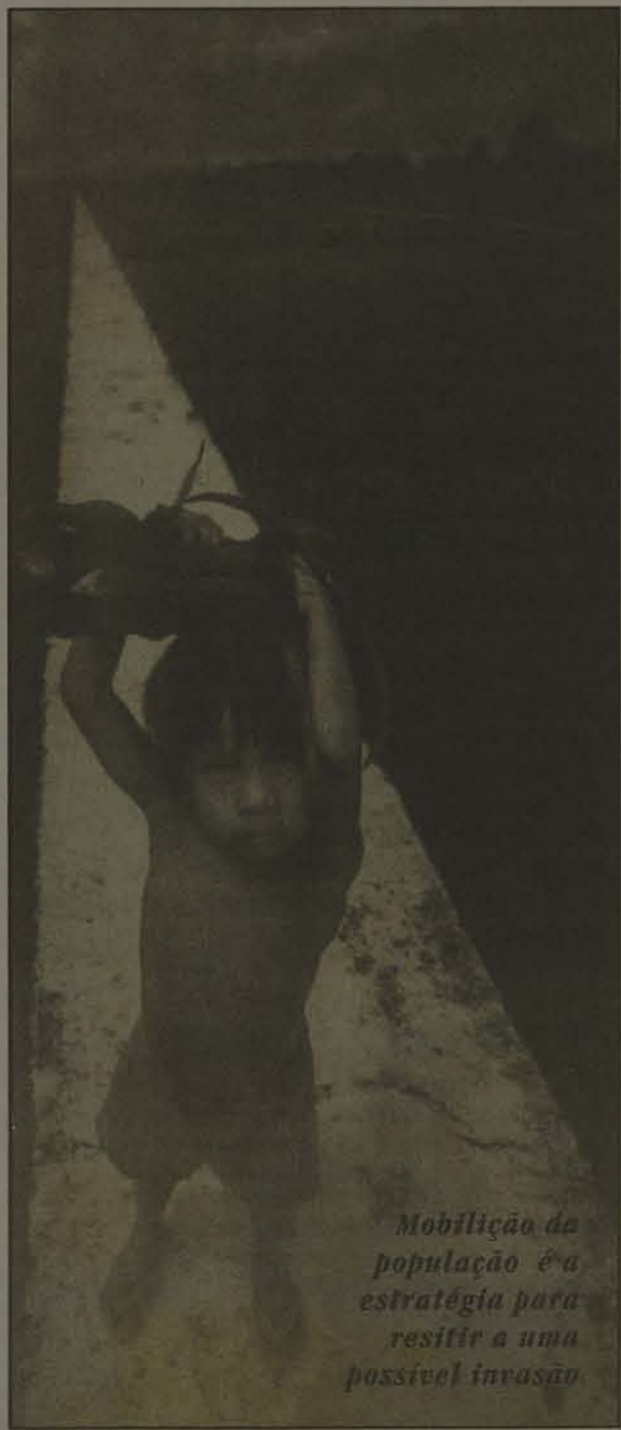
O primeiro lugar escolhido para receber esses oficiais foi o Centro de Instrução e Guerra na Selva (CIGS) em Manaus, o melhor centro desse tipo no mundo e que tem uma área para treinamento de 1.000 quilômetros quadrados e seis bases de instrução. A segunda unidade “alvo” do acordo foi a Escola de Comando e Estado Maior do Exército no Rio de Janeiro, segundo centro de formação de estratégia e de generais, perdendo apenas para a Escola Superior de Guerra (ESG).

O resultado disso é um presente dado para todos os militares brasileiros ao chegarem para missões militares ou para trabalhar como adidos nas embaixadas brasileiras nos Estados Unidos. Uma caixa com dez CD-ROMs com imagens e tudo o que se possa imaginar sobre a Amazônia brasileira.

Mas o pior e o mais inédito desse dossiê de informações são as ações da CIA e das Forças Armadas dos Estados Unidos para mobilizar a opinião pública americana contra o Brasil. Adesivos de carros ingleses e guardanapos em *fast foods* dos EUA tem a incrível frase: “Lute pelas Florestas. Queime um brasileiro”. Outras formas antigas de propaganda são as histórias em quadrinhos onde o Super Homem e o Homem Aranha lutam contra posseiros, garimpeiros e o governo brasileiro para “salvar a Amazônia”.

Os mitos criados para tentar transformar a Amazônia Legal, 56% do território brasileiro, em uma nova Antártida fadada entre as grandes potências, são a de pulmão do mundo e da matança de índios. O primeiro, segundo a visão de vários militares brasileiros, já foi descartado por vários cientistas. Para afirmar a hipocrisia sobre o contato com as populações indígenas eles citam a principal frase do Marechal Cândido Rondon, patrono da arma de Comunicações do Exército: “No contato com os índios morrer se for preciso, matar nunca”.

Mirian Fichtner-Época



Mobilização da população é a estratégia para resistir a uma possível invasão



Índios são os maiores latifundiários do Brasil

mobilizar o governo. Eles podem ser muito mais fortes mas um soldado amazônico vale por dez americanos”, confidencia um oficial.

Talvez em função disso, a diplomacia americana tem trabalhado tanto para fazer a cabeça de vários membros do Itamaraty. “Tem diplomata que concorda que devemos entregar a parte da Amazônia de mão beijada porque entendem que o país não consegue cuidar da região. Isso é a força do discurso americano”, define o mesmo militar.

**Luta contra o poder** - Por todos esses motivos, o Brasil resolveu, antes tarde do que nunca,

botar as barbas de molho. A primeira estratégia para combater uma possível intervenção na região, caso a diplomacia política dos americanos não tenha sucesso para fazer o governo brasileiro entregar tudo sem dar um tiro, foi mostrar o valor e a capacidade militar para intimidar o inimigo. Duas Brigadas de Infantaria foram transferidas para a Amazônia no início da década. A primeira saiu de Santo Ângelo (RS) para Tefé (AM) e a segunda de Petrópolis (RJ) para a capital de Roraima, Boa Vista.

Seguindo uma diretriz de ocupação das áreas de fronteira, que na Amazônia Legal são de

11.248 quilômetros, 25 pelotões de fronteira foram criados pelo Ministério do Exército ou pelo projeto *Calba Norte* até 1995. A estratégia agora é a da resistência, que tem como ponto forte as técnicas de guerrilha.

Outra medida foi a criação dos Tiros de Guerra (TG) onde as prefeituras são parceiras do Exército para dar instrução e treinamento de combate para jovens com idade para o serviço militar. Segundo os militares, esta é uma estratégia que também quer combater ONGs internacionais, financiadas pelos EUA, que pedem o fim do serviço militar obrigatório no Brasil. Serão criados, caso o governo federal não corte as verbas, 20 TGs até o final do ano e mais três até o ano 2000. Além disso, a força terrestre está presente em 62 localidades da região amazônica.

Os militares seguem exemplos históricos para mobilizar a população no caso de um conflito armado e que poderia ter tido um reforço substancial se o projeto *Calba Norte* fosse cumprido como estava no papel. Além da presença militar, estava prevista a assistência dos ministérios da Saúde, Educação, e da Receita e Polícia Federal. Em quase todos os municípios onde o projeto foi implantado a única presença continua sendo a do Exército brasileiro. No sítio da força ([www.amazonia.exercito.gov.br](http://www.amazonia.exercito.gov.br)) o projeto prevê mais de 50 tipos de ações que estão previstas mas que ainda esperam a boa vontade dos outros ministérios, principalmente do recém criado Ministério da Defesa.

Os exemplos de que esta tática pode dar certo na luta contra um inimigo poderoso foram a ocupação do Nordeste brasileiro pelos holandeses no século XVII, as milícias do general Tito na Iugoslávia contra os alemães na Segunda Guerra Mundial e o exemplo mais marcante, o massacre dos americanos no Vietnã. A estratégia da resistência segue um princípio fundamental conforme Sun Tzu, no clássico literário *A Arte da Guerra*: “Não há na história notícia de um país que se tenha beneficiado com uma guerra prolongada”.

**Compromisso descumprido** - Se os países amazônicos seguissem pelo menos metade dos 27 artigos do Tratado de Cooperação Amazônica firmado em 1978, em Brasília, o avanço dos interesses americanos e europeus, principalmente na área de biotecnologia (30% deste potencial está concentrado na Amazônia), seria contido e a soberania e o desenvolvimento da região estariam garantidos. O tratado firmado pela Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela prevê a incorporação da região às economias nacionais.

Outra ação mais recente, mas que ficou há dez anos restrita aos gabinetes dos países signatários do tratado de Cooperação é a criação do Parlamento Amazônico. Trata-se de um organismo permanente, constituído por representantes dos países da Amazônia eleitos democraticamente. Foi criado em Lima, no dia 18 de abril de 1989, de acordo com a Declaração Conjunta do Parlamento Amazônico.

Seus principais objetivos são: proteger e defender a soberania nacional e a preservação territorial de todos e de cada um dos países da Amazônia; promover o uso e a conservação racional dos recursos naturais da região, conforme os interesses dos povos dos países membros e da humanidade. Na Declaração de Caracas, que abriga a sede permanente do organismo, “o Parlamento baseia-se no fortalecimento da paz, da ordem jurídica, da segurança internacional da Amazônia e no pleno respeito à liberdade e direitos fundamentais da pessoa humana”. Esse órgão até agora permanece no vazio e desconhecimento pela opinião pública nacional, pois desde a sua criação não foi escrita uma única palavra sobre o tema na imprensa brasileira.

Lúcio Lambranco



# Regime militar entregou terras brasileiras para os americanos

## Força Aérea ianque já havia mapeado todo subsolo nacional

**A** corrida nuclear dos Estados Unidos foi vinculada a uma maciça compra de terras na Amazônia brasileira por meio de métodos fraudulentos. Na década de 60, segundo Galeano, "numerosas empresas americanas, conduzidas por aventureiros e contrabandistas profissionais se lançaram num *rusb* febril sobre a selva gigantesca".

Para orientar a compra de terras que continham em seu subsolo materiais radioativos, o Brasil permitiu que a Força Aérea dos Estados Unidos fotografasse a região. O acordo foi firmado em 1964, ano do golpe militar. Os militares norte-americanos ganharam a permissão para utilizar equipamentos de cintilômetros para detectar jazidas de materiais radioativos. Esses equipamentos utilizaram a emissão de luz e intensidade variável, eletromagnetos, para radiografar o subsolo rico em minerais não ferrosos e magnetômetros para descobrir e medir ferro.

Segundo o relato feito em 1967 por Hermano Alves, repórter do jornal carioca *Correio da Manhã*, estas informações sobre as riquezas secretas da Amazônia foram colocadas nas mãos de empresas privadas, interessadas no assunto, "graças aos bons serviços do Geological Survey do governo norte-americano."

No mesmo ano, uma reportagem da revista *Time* dizia que antes de 67, as empresas americanas tinham comprado por sete centavos de dólar o acre, uma superfície maior do que os territórios de Connecticut, Rhode Island, Delaware, Massachusetts e New Hampshire. "Devemos manter as portas abertas à inversão estrangeira", dizia o diretor da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) à revista americana.

Para justificar o levantamento aerofotogramétrico pela aviação norte-americana, o governo militar declarou que tinha carência de recursos para fazer o mesmo serviço. Para Galeano, "na América Latina é normal: sempre entregam os recursos ao imperialismo em nome da falta de recursos".

As terras vendidas para



Cada soldado amazônico vale por dez americanos

Combate de Selva

empresas dos EUA só foram descobertas pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), a primeira do regime militar, em junho de 1968. Segundo o relatório da CPI, 20 milhões de hectares de terras foram comprados por pessoas físicas e jurídicas norte-americanas.

Mas o volume não é o mais interessante deste relatório. Os americanos fizeram um cordão de isolamento entre suas terras e o resto do Brasil. O testemunho do gabinete do Ministério do Exército sobre o tema assinalou para os deputados: "o interesse do próprio governo norte-americano em manter, sob seu controle, uma vasta extensão de terras para a utilização ulterior, seja para a exploração de minerais, particularmente os radioativos, seja como base para uma colonização dirigida".

O Conselho de Segurança Nacional também denunciava uma prática que, segundo os militares brasileiros continua sendo feita: a desocupação forçada na região. "Causa suspeita o fato de que as áreas ocupadas, ou em vias de ocupação, por elementos estrangeiros, coincidam com regiões que estão sendo submetidas a campanhas de esterilização de mulheres brasileiras por estrangeiros", disse o representante do Conselho.

A Amazônia é a zona de maior extensão entre todos os desertos do planeta habitáveis pelo homem. Outra reportagem do *Correio da Manhã* garantia que "mais de vinte missões estrangeiras, principalmente as da Igreja Protestante dos Estados Unidos, estão ocupando a Amazônia, estabelecendo-se nos pontos mais ricos em minerais radioativos, ouro e diamantes... Suas áreas estão cercadas por elementos armados e ninguém pode penetrar nelas".

Nos anos recentes, o governo brasileiro expulsou "pesquisadores" estrangeiros que se faziam passar por antropólogos, mas que na verdade estavam pesquisando a flora brasileira com a ajuda dos índios, a fim de patentear novos produtos para a indústria farmacêutica multinacional.

Lúcio Lambranh



### Amazônia Brasileira

Área: 5,2 milhões de km<sup>2</sup>

Densidade demográfica: 3,2 hab / km<sup>2</sup>

1/3 das florestas tropicais da Terra - cobre 70% da região, isso corresponde a 280 bilhões de hectares estimando a reserva madeireira em 50 bilhões de m<sup>3</sup>.

O ecossistema amazônico é auto-suficiente e detém cerca de 30% do estoque genético do mundo: possui 200 espécies diferentes de árvores por hectare, 1400 tipos de peixes, 1.300 de pássaros e 300 de mamíferos.

Maior bacia de água doce do mundo - com volume estimado em 80.000 m<sup>3</sup> de água.

Fonte: Sítio do Exército Brasileiro

Jônatas Kosmann - Zero

# Sivam começará funcionar totalmente apenas em 2003

O Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam), projeto de US\$ 1,4 bilhão que desde 1993 vem sendo lentamente implantado pelo governo federal deve entrar no ano 2000 com 40% do seu sistema ativado. O presidente FHC, em reunião com o Alto Comando das Forças Armadas no início de setembro, disse que o projeto é de extrema necessidade para ampliar a segurança militar na fronteira amazônica, assim como o controle de toda a região. O Centro Regional de Vigilância (CRV) de Manaus, primeira etapa do projeto, já foi concluído. No entanto o projeto deve sofrer algum atraso por falta de recursos.

Algumas obras que deveriam ser entregues este mês só estarão prontas em março. Carlos Gonzaga, vice-presidente da Raytheon no Brasil, garante que "o Sivam vai estar funcionando plenamente em 2003".

O governo pretende fiscalizar cerca de 5,2 milhões de quilômetros quadrados, onde vivem, praticamente isoladas do resto do país, mais de 20 milhões de pessoas. Para isso, deve instalar mais dois Centros Regionais de Vigilância, em Porto Velho (RO) e Belém (PA) e um Centro de Coordenação Geral, instalado em Brasília para comandar as três áreas interligadas. Estimativas da Polícia Federal contam cerca de 2,3 mil vãos clandestinos com armas, drogas e outros produtos contrabandeados cruzando a região amazônica por ano - uma média de seis por dia. O Ministério da Aeronáutica espera reduzir, até 2001, em mais de 80% este número.

A coleta de informações detalhadas, e às vezes sigilosas, sobre a Amazônia é o principal objetivo do Sivam. Em 2003, 8 mil plataformas de coleta de dados devem ser ativadas para catalogar dados do subsolo, tráfego aéreo, plantas medicinais e doenças da região. Vão ser utilizados 19 radares fixos, 87 estações meteorológicas, cinco aviões BEM-145 SA

da Embraer, (equipados com radar com 400 mil quilômetros de raio e centro de informações especialmente para o Sivam, além de três esquadrões de aviões Tucano AL-X, que serão utilizados nas operações. Dois EMB 145 SA e um Tucano já estão em fase de experimentação.

**Polêmica** - O responsável pela gerência e fornecimento de equipamentos e softwares para o Sivam é a megacorporação norte-americana Raytheon. Com lucros de até US\$ 20 bilhões ao ano, a empresa é especializada em equipamentos de defesa, como sistemas de mísseis e sensores espaciais, e desde o final da Segunda Guerra Mundial é fornecedor do Pentágono.

A Raytheon foi selecionada pelo governo em 94, concorrendo com a alemã Dasa e a brasileira Unysis. A empresa norte-americana seria responsável apenas pelo fornecimento de equipamentos, enquanto o gerenciamento das compras seria feito pela brasileira Esca, contratada sem licitação um ano antes. Em 95 o deputado Arnaldo Chinaglia (PT-) denunciou as fraudes da Esca com a Previdência, uma dívida superior a US\$ 7 bilhões. O governo afastou a empresa, passando a totalidade do contrato para a Raytheon. Poucos meses depois um grampo telefônico flagrou Julio César Gomes dos Santos, chefe do cerimonial do Palácio e o representante da Raytheon no Brasil, José Afonso Assunção, negociando propina aos parlamentares. Tudo isso gerou uma série de discussões no plenário sobre a legalidade do contrato com a empresa norte-americana.

**A Raytheon, empresa que supre o Pentágono, será a responsável pelo sistema**

Uma carta do presidente Bill Clinton ao então presidente Itamar Franco dizia que "as relações entre os dois países seriam seriamente afetadas se houver a quebra do contrato sem motivos concretos". Além disso, o financiamento do banco Eximbank só ocorreria se a empresa escolhida fosse a Raytheon. O contrato só entrou em vigor em julho de 97, quando o Tribunal de Contas da União decidiu que o contrato não tinha irregularidades. FHC afirmou que a credibilidade do Brasil no exterior seria negativamente afetada pelo contrato rompido.

O projeto é tido como eminentemente militar, sem interesse para a sociedade. A principal discussão é sobre como fica a soberania nacional com uma empresa norte-americana - logo eles, tão interessados na Amazônia - desenvolvendo os softwares e equipamentos do Sivam. O presidente do Centro de Coordenação do Sivam,

Marcos Oliveira, garantiu "o total direito de propriedade intelectual e industrial aos brasileiros." Ele afirmou que o trabalho da Raytheon terá a participação efetiva de pessoas do governo ou indicados de modo a capacitá-los para utilizar o sistema. Já o deputado Arnaldo Chinaglia observou: "o governo brasileiro só tem como garantia de sigilo a palavra da Raytheon. (...) Esta é, sem dúvida, uma ameaça a soberania nacional". Em 1991, o presidente francês François Mitterrand defendeu a "internacionalização" da Amazônia na Conferência Mundial das Agências Não-Governamentais em Haia, na Holanda.

Leonardo Laps



# Colômbia ganha US\$ 6,7 bilhões para combater os guerrilheiros

**A** Colômbia vive uma crise geral onde diversos grupos degladiam-se por suas ideologias e interesses. Há 39 grupos de guerrilha que defendem o nacionalismo socialista e dominam 40% do território colombiano, área equivalente ao Estado do Rio de Janeiro. Só as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), maior grupo guerrilheiro, conta com aproximadamente 20 mil homens. O segundo maior movimento é o Exército

de Libertação Nacional (ELN).

As negociações de paz na Colômbia estão paralisadas, desde 1991, mas deram sinais de retorno nas últimas semanas. Ao mesmo tempo o FMI

aprovou um plano salva-vidas de US\$ 6,7 bilhão para o país.

**Radicalismo** - Alas radicais do Partido Liberal, formadas por uma elite oligárquica, criaram 68 tropas paramilitares. Esses grupos matam ou expulsam a população das regiões tomadas pela guerrilha e colocam bombas em sedes de organizações de esquerda e de Direitos Humanos. Também assassinam jornalistas, líderes políticos, sindicais e populares considerados perigosos para as instituições democráticas legalmente estabelecidas. São os "esquadrões da morte", conhecidos de países com extremo desequilíbrio social como a Colômbia.

que realizam "limpezas sociais" matando prostitutas, mendigos, meninos de rua e usuários de drogas. São conhecidos desde os anos 80, quando dizimavam as comunidades de Medellín julgando-as cúmplices de Pablo Escobar.

O assassinato do jornalista e humorista, Jaime Garzón Forero, na madrugada do dia 13 de agosto, contabilizou mais uma morte para a profissão. Garzón tinha ligações com líderes das FARC para obter libertação de reféns e não poupava nem o presidente, nem a guerrilha, nem os paramilitares. Ele foi morto no trajeto entre sua casa e a emissora Radionet. Desde 1977 foram mortos 126 jornalistas na Colômbia.

**Cúmplices das ações** - O Exército Nacional se mostra conivente à violência paramilitar. Segundo relatório do deputado Nilmário Miranda (PT-MG), feito em visita ao país em agosto, "eles sabem quem são os paramilitares, onde treinam e se concentram. Sabem que executam publicamente camponeses e que tem ligações com narcotraficantes". A Polícia Nacional chama os miseráveis de *desechables* (descartáveis). Mas de 50% da população colombiana é pobre e 12 milhões vivem na miséria.

O país passa pela pior crise desde as décadas de 30 e 40, época em que afundou na violência. Em julho deste ano, o governo do conservador Andrés Pastrana completou um ano com 65% de rejeição. O desemprego atingiu cerca de 20% no início de agosto. Setenta e cinco por cento da população consome água não potável e pelo

menos 25% das crianças com menos de sete anos sofrem de subnutrição.

**Greve geral** - No dia 1º de setembro ocorreu uma greve geral que durou três dias, até Pastrana aceitar uma negociação com os sindicatos. A paralisação contou com 1,5 milhão de trabalhadores e mais milhares de camponeses, que protestaram contra a política trabalhista e econômica do governo. Três das 41 exigências dos grevistas eram: a moratória da dívida externa, o rompimento com o FMI e a suspensão dos planos de privatização.

A greve foi apoiada pelos guerrilheiros, que logo no primeiro dia invadiram uma usina hidrelétrica em Abchicayá, sudoeste da Colômbia. Os cem funcionários retidos foram libertados somente no dia 6, quando a *Energia del Pacífico*, empresa responsável pela usina, concordou em discutir a construção de obras sociais na região e o aumento de 30% das tarifas de luz elétrica.

**Combate norte-americano** - Em 1986, o presidente Ronald Reagan fez um discurso colocando o narcotráfico como uma "questão de segurança nacional". A partir daí, todos os envolvidos no plantio e tráfico da coca - incluindo os indígenas andinos que há séculos utilizam a planta - poderiam ser acusados de conspiração contra os EUA. Desde essa época o governo norte-americano vem investindo milhões de dólares no combate direto ao narcotráfico na Colômbia, país com a maior produção de cocaína do mundo e responsável por 80% da droga que entra nos EUA. Foi institucionalizada a extradição dos traficantes para os EUA, onde poderiam ser punidos. A

"guerra aos cartéis", como foi declarada, acarretou no aumento ab-

surdo da violência dos cartéis de Cali, Medellín e grupos paramilitares.

Os grupos guerrilheiros foram recentemente acusados pelo general Barry McCaffrey, diretor do escritório de Política Nacional de Controle de Drogas nos EUA, de utilizar o narcotráfico para financiar o equipamento de suas tropas. As FARC estariam lucrando entre US\$ 300 e 600 milhões ao ano, cobrando "impostos" de plantadores de coca e traficantes, além de participarem diretamente na exportação da droga. Até o final de 1999, os EUA devem destinar US\$ 300 milhões de dólares no combate ao narcotráfico. As FARC se opõem radicalmente às relações entre Colômbia e EUA.

**Possível paz** - No dia 14 de setembro foi inaugurado pelo governo colombiano o novo batalhão antidrogas do Exército. A guerra ao narcotráfico, segundo o jornal colombiano *El Tiempo*, chegou "a uma etapa mais intensa, na qual (o Exército) contará com a ajuda, sem precedentes, de Washington". O batalhão foi treinado e equipado por norte-americanos e contará com um moderno arsenal que inclui helicópteros, armas e equipamentos de visão noturna.

No último sábado o presidente Andrés Pastrana e alguns membros do alto comissionado de paz receberam, pelos meios de comunicação, um comunicado do porta-voz das FARC, "Raul Reyes", dizendo que o processo de paz havia desencalhado. Segundo o jornal *El Espectador*, "a guerrilha não acredita que o governo tenha uma verdadeira vontade de paz devido a preferência dada por organismos nacionais e internacionais ao conflito armado". Reyes Recordou que o presidente não tem se posicionado contra a violência paramilitar e que a aliança de combate com os EUA continua e concluiu que o necessário agora são "regras de jogo muito claras". O ELN também se posicionou a favor do início dos debates. O governo aceitou a proposta das FARC de reunir uma comissão internacional de negociação, um dos 12 pontos da Agenda Única de Negociações entre governo e guerrilha. O governo espera que os guerrilheiros também cedam em determinados pontos.

**Ajuda milionária** - Simultaneamente os EUA aprovaram o Plano Colômbia e o FMI aceitou emprestar à Colômbia US\$ 6,7 bilhões para ajudar o país a sair da crise. Isso depois que a flutuação livre do dólar, permitida pelo Banco Central no início de outubro, não causou o disparo das cotações da moeda norte-americana. O plano foi apresentado por Pastrana ao presidente norte-americano Bill Clinton em setembro.

Dessa quantia, US 1,5 bilhão será destinada nos próximos três anos na guerra ao narcotráfico. O resto será aplicado no desenvolvimento social. Entre os compromissos do governo está o subsídio aos pequenos agricultores que trocaram o cultivo ilícito pelo dende, cacau ou banana. Pretende-se erradicar cerca de 50% do plantio de coca no país. Com o empréstimo, a Colômbia aumenta sua dívida e dependência aos EUA, o que pode paralisar novamente as negociações, já que as FARC pregam o rompimento das relações da Colômbia com os EUA e FMI. Enquanto o diálogo não se desenvolve, os conflitos e a violência civil continuam. Atualmente mais de 2000 pessoas se encontram em cativeiro na Colômbia. No ano passado foram oficializados mais de 1.400 sequestros.

Leonardo Laps

**Pais é o que mais mata jornalistas no mundo: foram 126 mortos em vinte anos**







El Tiempo



**Colômbia**  
**Capital:** Santa Fé de Bogotá  
**Área:** 1.141.748 km<sup>2</sup>  
**População:** 37,7 milhões  
**Densidade demográfica:** 34 hab / km<sup>2</sup>  
**Composição étnica:** euromeríndios 58%, europeus ibéricos 20%, eurafricanos 14%, afro-americanos 4%, ameríndios 1%, outros 3%  
**Religião:** cristianismo 95,2% (católicos), outras 4,8%  
**Moeda:** peso colombiano  
**Cotação para 1 US\$:** 1.389,00 (julho 1998)  
**PIB:** 66.700.000.000 dólares (1994)  
**Taxa de Desemprego:** 9,9%\*  
**Principais produtos:** café, banana, flores e algodão, carvão, ouro e esmeralda  
**Parceiros comerciais:** EUA, Venezuela, Equador, Peru, México, Japão e países membros da União Européia  
**Presidente:** Andrés Pastana Arango (PSC)

Ameaça de confronto armado na Colômbia pode invadir o território brasileiro, que tem dois mil quilômetros de fronteira com o país

## EUA conspiram para a guerra na selva

Em julho deste ano um avião de ron da antidrogas norte-americano caiu em território das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), guerrilha socialista que ocupa cerca de 40% do país. Os cinco militares norte-americanos que estavam no avião desapareceram e, desde esse dia, o general Barry McCaffrey, maior autoridade antidrogas dos EUA, vem dando declarações que indicariam uma regionalização da crise colombiana.

Ele acusa as FARC de estarem envolvidas com o narcotráfico para financiar suas tropas. As guerrilhas também estariam ultrapassando fronteiras com Brasil, Venezuela, Equador, Peru e Panamá, "o que se configuraria numa situação de emergência às democracias desses países". Seu discurso reforça a previsão de analistas que falam da intenção norte-americana de envolver países vizinhos num conflito em que os EUA não quer intervir com tropas.

**Amazônia armada** - O general pediu ao Brasil o reforço policial para os 2.000 quilômetros de fronteira com a Colômbia. O Sivam pretende reforçar militarmente essa região. McCaffrey assegurou que os traficantes usam o território brasileiro para fugir da vigilância exercida por seu país. Marcos Galvão, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, diz que o governo brasileiro "está atento e coordenado sobre o assunto e não tem informação sobre qualquer presença relevante de forças irregulares da Colômbia em território brasileiro". Mas o secretário antidrogas brasileiro, Walter Maierovich, admite que o tráfico de drogas da Colômbia para o Brasil aumentou.

No final de agosto, o governo norte-americano suspendeu o fornecimento de informações às Forças Armadas Brasileiras sobre o tráfego de vôos na região amazônica. Foi uma forma de pressionar o governo brasileiro a regulamentar a lei, já aprovada no Congresso, que permite o

abatimento em espaço aéreo brasileiro de aeronaves civis e militares consideradas suspeitas. Organizações de Direitos Humanos, companhias aéreas e várias autoridades de segurança do governo fazem lobby contrário a sua regulamentação. O senador Romeu Tuma (PSDB-SP), afirma que essa lei "é constantemente exigida pelos EUA nos fóruns internacionais".

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, passou o mês de setembro manifestando interesse de reunir-se com líderes do ELN e das FARC. O encontro poderia acontecer em território venezuelano, mesmo sem autorização do presidente colombiano Andrés Pastraña. Segundo o chanceler José Vicente Rangel, a crise colombiana "se converteu em um problema de Estado para a Venezuela". Chávez quer defender sua população de seqüestros e da violência do conflito.

Quando McCaffrey, durante visita ao Brasil em agosto, pediu "envolvimento

político" do governo brasileiro na crise colombiana, o porta-voz da presidência Georges Lamazière garantiu a participação brasileira no processo de paz se não houver conflito armado. A Argentina prontificou-se a enviar tropas para a Colômbia, obrigando McCaffrey a reafirmar ser contrário à intervenção. Apesar do investimento em instrutores, armas e equipamentos norte-americanos no Exército colombiano, os EUA negam a atuação militar direta.

O Plano Colômbia, de US\$ 6,7 bilhões, será financiado pelo FMI e prevê uma série de reformas sociais centradas no combate ao narcotráfico. Nos próximos três anos, mais de 20% desse dinheiro deve ser usado nessa guerra. As FARC são radicalmente contra os norte-americanos, considerados seu "maior inimigo" político-ideológico.

Leonardo Laps

Fontes: Almanaque Abril e Encarta 2000

\* Fontes: Ceal, Cepal e Lafis.

A chamada *La violencia* na Colômbia começou na década de 40, depois da prosperidade alcançada pelo país com as plantações de café. Segundo o jornalista Eduardo Galeano, a cultura trouxe uma democracia de pequenos produtores agrícolas e converteu os colombianos em "homens sóbrios e moderados". Mas a estabilidade econômica temporária não interrompeu as revoltas e repressões sanguinárias no país.

"Entre 1948 e 1957", relata Galeano "a guerra camponesa que estava nos minifúndios, latifúndios, desertos, campos semeados, selvas e páramos andinos, empurrou comunidades inteiras ao exodo, gerou guerrilhas revolucionárias e bandos criminosos; converteu o país em um cemitério: estima-se que deixou um saldo de 180 mil mortos.

A violência começou com o confronto político entre liberais e conservadores, mas o ódio de classes foi semeando a luta social. O principal estopim da luta foi o assassinato a tiros de Jorge Eliécer Gaitán, o caudilho liberal, chamado pelo povo de *El Lobo* ou *El Badulaque*. Gaitán tinha enorme prestígio popular e ameaçava a ordem política na Colômbia.

Nos primeiros anos, a guerra civil ficou restrita às ruas da capital, mas em seguida ganhou o campo, onde os bandos armados já tinham semeado ódio e terror sobre os camponeses. "O

## Briga entre conservadores e liberais deu início a cinquenta anos de disputas no país

ódio longamente mastigado pelos camponeses explodiu e, enquanto o governo enviava policiais e soldados para cortar testículos, abrir ventres de mulheres grávidas ou jogar crianças ao ar para espantá-las na ponta de baionetas, os doutores do partido Liberal recolhiam-se em suas casas sem alterar os bons modos nem o tom cavalheiresco de seus manifestos, ou no pior dos casos, partiam para o exílio" conta Galeano.

Mas antes de ter horizontes políticos claros, os chefes guerrilheiros estavam apenas animados pela vingança. "Lançaram-se à destruição pela destruição, o desafogo a sangue e fogo sem outros objetivos". Seus nomes não sugeriam uma revolução social: *Tenente Gorila, Malasombra, El Cóndor, Pierroja, El vampiro, Avenegra e El Terror del Llano*. Só depois de sofrer a repressão é que os camponeses fugiram para as montanhas e ali organizaram "repúblicas in-

dependentes", onde foram forjados os movimentos guerrilheiros, que tomam conta do país e do tráfico de cocaína atualmente.

Para determinar o tamanho do ódio entre as classes sociais na Colômbia, mesmo depois da assinatura de um pacto em Madri para acabar com a violência, conservadores e liberais resolveram fazer uma "limpeza" contra os focos de perturbação do sistema. Segundo Galeano, "em uma única operação, para abater os rebeldes de Marquetalia, dispararam um milhão e meio de projéteis, lançaram 20 mil bombas e mobilizaram, por terra e por ar, 16 mil soldados". Em plena violência, um oficial dizia: "Não me tragam estórias. Tragam-me orelhas".

A violência não é traduzida apenas por vítimas e balas. Em 1969, as Nações Unidas realizaram uma pesquisa e verificaram que a tragédia social era bem maior que o número de mortos. Além de um índice de homicídios sete vezes maior do que os Estados Unidos, um quarto da população estava desempregada. Atualmente, mais de um milhão de crianças colombianas estão sem escola. Mas isto não impede que o sistema se dê ao luxo de manter 41 universidades, públicas ou privadas, cada uma com suas diversas faculdades de departamento, para educação dos filhos da elite e da minoritária classe média".

Lúcio Lambranh





**A** porta do velho Opala quase desmancha ao fechar. O taxista, olhos apertados de descendente de índios atrás das grossas lentes dos óculos, diz buenos días e liga o carro com uma chave de fenda, que serve também para abrir o porta-malas, as portas e até o tanque de gasolina. No rádio, durante o pequeno intervalo entre uma e outra música dor-de-cotovelo, o locutor oferece uma "barbada": um Corcel 74, provavelmente roubado no Brasil, com papéis "legalizados" e preço imperdível. O táxi avança aos solavancos pela rua esburacada e cheia de lama, passa por sujeitos mal encarados e chega à estação de trens, mais feia que mudança de pobre. Bem-vindos a Puerto Quijaro, Bolívia.

Uma senhora gorda, negra, com um lenço na cabeça, parecendo a Tia Anastácia do Sítio do Pica-pau Amarelo, tem uma barracão onde vende comida às pessoas que esperam a chegada do trem. Bolachas brasileiras, refrigerante e, o maior sucesso entre as crianças, leite batido com grãos irreconhecíveis. O produto pode ser servido dentro de sacos plásticos ou em uma caneca. Mas aí tem um problema: é preciso ficar na fila, já que há apenas uma caneca para todos os clientes. Um comprador bebe, a gorda lava o copo em uma pequena bacia, e serve novamente. O copo é devolvido, lavado na mesma bacia, na mesma água, e reutilizado. Assim sucessivamente, ao menos até a chegada do trem.

Embarcamos no Bracha, o segundo melhor vagão que faz a linha Puerto Quijaro - Santa Cruz de La Sierra. E se aquilo é quase o melhor, é de se imaginar, e lamentar pela sorte dos passageiros do pior, a segunda classe. No Bracha há televisão, atendimento de bordo, poltronas reclináveis, banheiro e jantar incluído - macarrão com frango, ambos devidamente frios, e refrigerante, onde, com sorte, pode-se encontrar objetos estranhos no fundo

de vida melhor do que teríamos no Brasil com os mesmos gastos", completa. Os gastos mensais de cada um ficam, em média, entre US\$ 400 e US\$ 500. Mas não havíamos viajado quase 30 horas de ônibus até a fronteira e mais 16 horas de trem até Santa Cruz para ficar falando com brasileiros, em uma cidade praticamente igual a tantas que há por aqui. Por isso, partimos novamente, agora para Sucre, a antiga capital boliviana. Foram 16 horas sacolejando por estradas esburacadas, com desfiladeiros respeitáveis no lugar do acostamento, dentro de um ônibus sem banheiro - tanto os homens quanto as mulheres, principalmente aquelas com roupas tradicionais e duas tranças como as que se vê em filme e cartão postal, usam a estrada como privada. Em uma das paradas, em frente a um posto da polícia local, o motorista abriu a janela que fica a seu lado e calmamente urinou dali mesmo, bem em frente aos soldados.

Sucre é uma cidade agradável, bonita até, a 2,7 mil metros de altitude. Tem hábitos de lugar do interior, como o passeio dos jovens ao redor da praça no final das tardes de domingo, mas foi importante centro cultural do país durante o período colonial. Fundada pelo irmão do conquistador Francisco Pizarro, Gonzalo, Sucre foi declarada Patrimônio Histórico da Humanidade pela Unesco, em 1991. Também foi ali, em 6 de agosto de 1825, que 48 bolivianos assinaram a declaração de independência do país. No entanto, o mais importante do lugar, ao menos para vi-

gentes da banda de Gene Simmons. Até os guardas entraram no ritmo, fingindo que tocavam guitarra nos cassetes. Houve de tudo naquela apresentação: um fã meio empolgado demais pedindo Creaduras de la noche (Creatures of the night) em todos os intervalos; o Gene Simmons boliviano, parecido com um figurante do Dança com Lobos, babando sangue durante um solo, e até o baterista, sem camisa apesar do frio de 5°C, berrando "Potosí rock city, Potosí rock city". Falamos com os organizadores do show e no outro dia, enquanto tomávamos um piscos, conversamos com os integrantes da banda. Depois de nos aborrecerem com algumas reclamações quanto às dificuldades da carreira artística no país e outras coisas, o Pit Chris latino resolveu ser sincero: "Fazemos isso por causa das chicas. Nosso show é sensual e a noite quase sempre acaba bem". Na antiga cidade da praça, apesar da histeria das meninhas, os caras ficaram na seca. Também eles não passaram dos sorrisinhos. Em Potosí a principal atividade econômica, ganha pão da maioria da população, ainda é a mineração, o que, além de render pouco dinheiro, nos obrigou a fazer essa frase cheia de rimas. Dos 120 mil habitantes, aproximadamente 10 mil trabalham no Cerro de Potosí, a montanha de onde é retirado o mineral. A vida nas minas é dura. Os homens trabalham doze horas diárias - das 8h às 20h, sem parada para refeições - de segunda a sábado. Ganham pouco e morrem cedo, no máximo, segundo a Federação das Cooperativas Mineiras de Potosí (Fedcomin), aos 50 anos. Dezoito dias na Bolívia e partiamos para nossa última escala: Uyuni, cidade vizinha do maior deserto de sal do mundo, com 12 mil quilômetros quadrados, o Salar de Uyuni. Ali fica o vulcão inativo Tanapa, ponto de parada quase obrigatório para os turistas, que sofrem para escalar seus mil metros (parece pouco, mas quando se parte de uma altitude de quatro mil metros, onde o ar já é um tanto rarefeito, a situação fica bastante complicada). Antes de falar sobre o lugar, porém, é preciso fazer justiça aos nossos vizinhos.

Abre parêntese: apesar da imagem que se tem no Brasil sobre a Bolívia, de que todos passariam o dia inteiro cheirando e vendendo pó, não vimos, em nenhum momento, moradores locais usando ou fornecendo cocaína. Nosso único contato com drogas foi através de quatro franceses, dois casais, que estavam em Santa Cruz de la Sierra apenas porque tinham ouvido falar que lá "tudo" era mais barato. Foram com tanta sede ao pote que, certa noite, bateram em nossa janela para oferecer, "all free", maconha ou pó. A explicação de um deles: "acho que exageramos nas compras e vai ser difícil dar conta de tudo sozinhos". Atualmente, segundo dados oficiais (sempre prestativos em diminuir os problemas), de 13% a 15% do Produto Interno Bruto (PIB) boliviano é dinheiro do tráfico. Fecha parêntese.

O Salar de Uyuni fica na região próxima à fronteira com o Chile, tanto que há linhas de ônibus que ligam os dois países e passam pelo deserto. O frio é terrível e a paisagem, dominada pelo branco do chão e o azul do céu, compensa todas as horas de viagem necessárias para chegar até lá. Há dois hotéis feitos de sal, das paredes às mesas e cadeiras; pequenos lagos, de não mais de 15 cm de profundidade, e "ilhas" (pedaços de terra cercados de sal por todos os lados) onde é possível ver lhamas e cactos de mais de cinco metros de altura. No mais, tudo branco. Cercado por enormes montanhas com os cumes cobertos de neve.

Os arcos coloniais espanhóis, que retornam com a globalização, enquanto as cholas sobrevivem do centenário comércio das folhas de coca. Acima, deserto de sal de Uyuni

O animado flerte na pracinha central



gentes da banda de Gene Simmons. Até os guardas entraram no ritmo, fingindo que tocavam guitarra nos cassetes. Houve de tudo naquela apresentação: um fã meio empolgado demais pedindo Creaduras de la noche (Creatures of the night) em todos os intervalos; o Gene Simmons boliviano, parecido com um figurante do Dança com Lobos, babando sangue durante um solo, e até o baterista, sem camisa apesar do frio de 5°C, berrando "Potosí rock city, Potosí rock city". Falamos com os organizadores do show e no outro dia, enquanto tomávamos um piscos, conversamos com os integrantes da banda. Depois de nos aborrecerem com algumas reclamações quanto às dificuldades da carreira artística no país e outras coisas, o Pit Chris latino resolveu ser sincero: "Fazemos isso por causa das chicas. Nosso show é sensual e a noite quase sempre acaba bem". Na antiga cidade da praça, apesar da histeria das meninhas, os caras ficaram na seca. Também eles não passaram dos sorrisinhos. Em Potosí a principal atividade econômica, ganha pão da maioria da população, ainda é a mineração, o que, além de render pouco dinheiro, nos obrigou a fazer essa frase cheia de rimas. Dos 120 mil habitantes, aproximadamente 10 mil trabalham no Cerro de Potosí, a montanha de onde é retirado o mineral. A vida nas minas é dura. Os homens trabalham doze horas diárias - das 8h às 20h, sem parada para refeições - de segunda a sábado. Ganham pouco e morrem cedo, no máximo, segundo a Federação das Cooperativas Mineiras de Potosí (Fedcomin), aos 50 anos. Dezoito dias na Bolívia e partiamos para nossa última escala: Uyuni, cidade vizinha do maior deserto de sal do mundo, com 12 mil quilômetros quadrados, o Salar de Uyuni. Ali fica o vulcão inativo Tanapa, ponto de parada quase obrigatório para os turistas, que sofrem para escalar seus mil metros (parece pouco, mas quando se parte de uma altitude de quatro mil metros, onde o ar já é um tanto rarefeito, a situação fica bastante complicada). Antes de falar sobre o lugar, porém, é preciso fazer justiça aos nossos vizinhos.

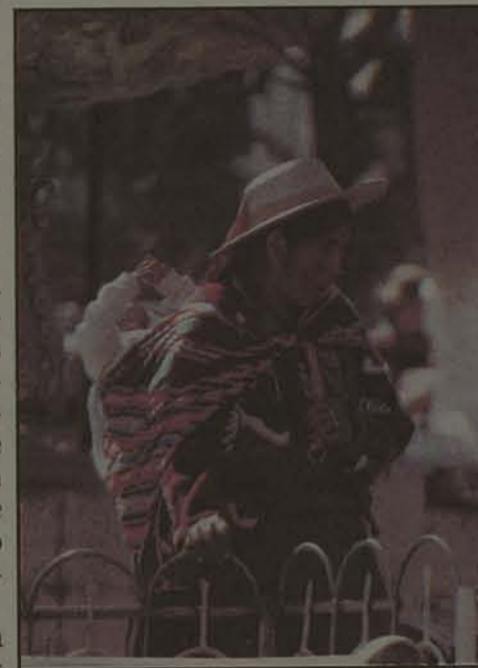
Abre parêntese: apesar da imagem que se tem no Brasil sobre a Bolívia, de que todos passariam o dia inteiro cheirando e vendendo pó, não vimos, em nenhum momento, moradores locais usando ou fornecendo cocaína. Nosso único contato com drogas foi através de quatro franceses, dois casais, que estavam em Santa Cruz de la Sierra apenas porque tinham ouvido falar que lá "tudo" era mais barato. Foram com tanta sede ao pote que, certa noite, bateram em nossa janela para oferecer, "all free", maconha ou pó. A explicação de um deles: "acho que exageramos nas compras e vai ser difícil dar conta de tudo sozinhos". Atualmente, segundo dados oficiais (sempre prestativos em diminuir os problemas), de 13% a 15% do Produto Interno Bruto (PIB) boliviano é dinheiro do tráfico. Fecha parêntese.

O Salar de Uyuni fica na região próxima à fronteira com o Chile, tanto que há linhas de ônibus que ligam os dois países e passam pelo deserto. O frio é terrível e a paisagem, dominada pelo branco do chão e o azul do céu, compensa todas as horas de viagem necessárias para chegar até lá. Há dois hotéis feitos de sal, das paredes às mesas e cadeiras; pequenos lagos, de não mais de 15 cm de profundidade, e "ilhas" (pedaços de terra cercados de sal por todos os lados) onde é possível ver lhamas e cactos de mais de cinco metros de altura. No mais, tudo branco. Cercado por enormes montanhas com os cumes cobertos de neve.

Os arcos coloniais espanhóis, que retornam com a globalização, enquanto as cholas sobrevivem do centenário comércio das folhas de coca. Acima, deserto de sal de Uyuni

O raro hotel feito quase todo de sal

O raro hotel feito quase todo de sal



O raro hotel feito quase todo de sal



gentes da banda de Gene Simmons. Até os guardas entraram no ritmo, fingindo que tocavam guitarra nos cassetes. Houve de tudo naquela apresentação: um fã meio empolgado demais pedindo Creaduras de la noche (Creatures of the night) em todos os intervalos; o Gene Simmons boliviano, parecido com um figurante do Dança com Lobos, babando sangue durante um solo, e até o baterista, sem camisa apesar do frio de 5°C, berrando "Potosí rock city, Potosí rock city". Falamos com os organizadores do show e no outro dia, enquanto tomávamos um piscos, conversamos com os integrantes da banda. Depois de nos aborrecerem com algumas reclamações quanto às dificuldades da carreira artística no país e outras coisas, o Pit Chris latino resolveu ser sincero: "Fazemos isso por causa das chicas. Nosso show é sensual e a noite quase sempre acaba bem". Na antiga cidade da praça, apesar da histeria das meninhas, os caras ficaram na seca. Também eles não passaram dos sorrisinhos. Em Potosí a principal atividade econômica, ganha pão da maioria da população, ainda é a mineração, o que, além de render pouco dinheiro, nos obrigou a fazer essa frase cheia de rimas. Dos 120 mil habitantes, aproximadamente 10 mil trabalham no Cerro de Potosí, a montanha de onde é retirado o mineral. A vida nas minas é dura. Os homens trabalham doze horas diárias - das 8h às 20h, sem parada para refeições - de segunda a sábado. Ganham pouco e morrem cedo, no máximo, segundo a Federação das Cooperativas Mineiras de Potosí (Fedcomin), aos 50 anos. Dezoito dias na Bolívia e partiamos para nossa última escala: Uyuni, cidade vizinha do maior deserto de sal do mundo, com 12 mil quilômetros quadrados, o Salar de Uyuni. Ali fica o vulcão inativo Tanapa, ponto de parada quase obrigatório para os turistas, que sofrem para escalar seus mil metros (parece pouco, mas quando se parte de uma altitude de quatro mil metros, onde o ar já é um tanto rarefeito, a situação fica bastante complicada). Antes de falar sobre o lugar, porém, é preciso fazer justiça aos nossos vizinhos.

Abre parêntese: apesar da imagem que se tem no Brasil sobre a Bolívia, de que todos passariam o dia inteiro cheirando e vendendo pó, não vimos, em nenhum momento, moradores locais usando ou fornecendo cocaína. Nosso único contato com drogas foi através de quatro franceses, dois casais, que estavam em Santa Cruz de la Sierra apenas porque tinham ouvido falar que lá "tudo" era mais barato. Foram com tanta sede ao pote que, certa noite, bateram em nossa janela para oferecer, "all free", maconha ou pó. A explicação de um deles: "acho que exageramos nas compras e vai ser difícil dar conta de tudo sozinhos". Atualmente, segundo dados oficiais (sempre prestativos em diminuir os problemas), de 13% a 15% do Produto Interno Bruto (PIB) boliviano é dinheiro do tráfico. Fecha parêntese.

O Salar de Uyuni fica na região próxima à fronteira com o Chile, tanto que há linhas de ônibus que ligam os dois países e passam pelo deserto. O frio é terrível e a paisagem, dominada pelo branco do chão e o azul do céu, compensa todas as horas de viagem necessárias para chegar até lá. Há dois hotéis feitos de sal, das paredes às mesas e cadeiras; pequenos lagos, de não mais de 15 cm de profundidade, e "ilhas" (pedaços de terra cercados de sal por todos os lados) onde é possível ver lhamas e cactos de mais de cinco metros de altura. No mais, tudo branco. Cercado por enormes montanhas com os cumes cobertos de neve.

Os arcos coloniais espanhóis, que retornam com a globalização, enquanto as cholas sobrevivem do centenário comércio das folhas de coca. Acima, deserto de sal de Uyuni

O raro hotel feito quase todo de sal

O raro hotel feito quase todo de sal

Reportagem: Rogério Kiefer  
Fotos: Dubes Sônego Jr.



Os arcos coloniais espanhóis, que retornam com a globalização, enquanto as cholas sobrevivem do centenário comércio das folhas de coca. Acima, deserto de sal de Uyuni



**Bolívia**

Capital: La paz (sede do governo e administrativa) e Sucre (legal)  
Área: 1.098.581 km²  
População: 8 milhões  
Densidade demográfica: 7 hab/km²  
Composição étnica: quichuas 30%, aimarás 25%, eurameríndios 15%, europeus ibéricos 15%, outros 15%  
Religião: cristianismo 98,9% (católicos 88,5% e protestantes 10,14%), outros 1,1%  
Moeda: peso boliviano  
Cotação para 1 US\$: 5,49 (julho/1998)  
PIB: 5.084.000.000 dólares (1992)  
Taxa de Desemprego: 13%  
Principais produtos: cana-de-açúcar, gás natural, petróleo, madeiras, soja e ouro  
Parceiros comerciais: EUA, Brasil, Japão, Argentina, Peru e Reino Unido  
Presidente: Hugo Bánzer Suárez (ADN)  
Fontes: Almanaque Abril e Encarta 2000, de 1999  
\* Fontes: Ceal, Cepal e Lafis.



O ar é quente, seco e empoeirado. A escuridão é quebrada apenas por uma lanterna. Sua chama revela o mineiro que a sustenta em seu capacete. Jorge Ibarra é um dos dez mil trabalhadores que exploram as minas do Cerro de Potosí. Cabelos ralos, mãos ásperas, vincos no rosto de pele ressecada - efeitos do vento e do trabalho duro por quatro décadas - aparenta ter mais do que os 56 anos que declara. Mineiros como ele, acostumados a furar a rocha, fazem do interior do Cerro - montanha de um amarelo ocre, hoje estéril e nua - um formigueiro, de galerias abertas a picareta ou, em poucas minas, com o auxílio de martelos hidráulicos.

Ibarra trabalha na Virgen Maria, uma das 280 minas em atividade no Cerro de Potosí. A montanha, a leste da cidade boliviana de 120 mil habitantes, foi a principal produtora mundial de prata entre os anos de 1570 e 1630. Nos dez anos entre 1590 e 1600, respondia por mais da metade do minério enviado pelas colônias à coroa espanhola. A quantidade? Bem, a média anual de embarques era de 11 milhões de pesos (para fim de estimativa, pode-se dizer que um peso valia em fins do século 17, então, tanto quanto, um dólar). No livro *Crônicas Potosinas*, o historiador boliviano Modesto Omiste avalia que desde seu descobrimento, em 21 de abril de 1545, até o ano de 1864, foram arrancados 3,6 bilhões de pesos em minerais da montanha.

Hoje a situação é outra: a cidade regride. O lugar que mereceu em seu escudo de vila imperial a inscrição "sou o rico Potosí, do mundo sou o tesouro, sou o rei das montanhas e a inveja dos reis", não causa mais inveja, nem atrai a cobiça. O número de habitantes diminuiu - ali moravam 500 mil pessoas no período colonial - e a economia está "desaquecida", para usar um eufemismo do economês. Há só uma fábrica na cidade, a cervejaria Potosina, que emprega pouco mais de 200 pessoas. Os turistas, grande esperança local, são poucos, e existe o temor de que o minério acabe. O desemprego acompanha a taxa nacional estimada em de 29,6%.

A prata está no fim; hoje se explora principalmente o zinco e o estanho. Em 1997, as 37 cooperativas que operam nas minas arrecadaram 19 milhões de pesos bolivianos (261 toneladas, US\$ 3,2 milhões). No ano passado, foram 16 milhões de pesos (224 toneladas, US\$ 2,76 milhões). Nas ruas, entre casas do período colonial que precisam de reparos, mulheres com os filhos no colo pedem esmolas ou vendem objetos de pouco valor.

**Vida na praça** - A vida concentra-se ao redor da praça principal, hoje chamada *10 de Dezembro*, em homenagem à primeira batalha local da luta pela independência. Ali estão o batalhão de polícia, a catedral e o palácio de justiça, onde funcionou a primeira casa da moeda do Alto Peru, a terceira mais antiga da América do Sul. É a antiga Praça das Armas, onde nos tempos coloniais os homens do exército espanhol perfilavam-se para mostrar o poderio de suas armas e impressionar os indígenas. Atualmente, são os jovens, em seus uniformes de colegiais, que ocupam a praça, armadas de sorrisos, cabelos negros, belos e lisos, e muita maquiagem, mesmo nas primeiras horas da manhã. Invadem o espaço por volta das 18h30min, ao fim das aulas, e procuram impressionar os garotos da cidade.

Antes das 22h, as ruas ficam praticamente vazias: todos fogem do frio - a temperatura chega facilmente a zero grau durante a noite, e, no inverno, pode cair a 50 graus centígrados negativos. Sobram apenas os taxistas, em seus carros asiáticos feitos para dirigir na mão inglesa e que tiveram apenas o volante adaptado. O velocímetro continua do lado direito, na frente do passageiro.

Pode-se até controlar a velocidade, mas não o preço da corrida. Taxímetros são coisa extinta na Bolívia, onde cobra-se de acordo com o número de passageiros, e há possibilidade de taxas extras para trajetos "longos". O momento em que uma viagem se transforma de "curta" em "longa" só os motoristas reconhecem, obviamente.

Taxistas, mendigos, estudantes, desempregados e mineiros são testemunhas e personagens da agonia de Potosí. Gente como Jorge Ibarra que passa 12 horas diárias no interior da mina - das 8h às 20h sem parada para as refeições. Trabalha seis dias por semana e recebe aproximadamente 200 pesos bolivianos, com os quais sustenta a mulher e os seis filhos. Faz furos - quatro por dia, de cerca de 80 cm de profundidade cada - onde são colocados a dinamite e o nitrato de amônia, que abrirão novos locais para exploração.

**Perigo nas minas** - As detonações liberam gases tóxicos nas galerias e deixam material em suspensão - pó do solo e das paredes das minas. Ficam no ar partículas de sílica e outros minerais, que, inalados pelos trabalhadores, acumulam-se nos pulmões e causam o que na região é conhecido como "mal de mina". A principal e mais comum dessas doenças é a silicose, moléstia incurável que pode causar a morte. "Examinamos regularmente os trabalhadores e podemos afirmar que todos no Cerro de Potosí têm algum problema pulmonar. Nenhum pode dizer: 'eu estou salvo'", diz Antônio Pardo Guevara, dirigente da Federação das Cooperativas Mineiras de Potosí (Fedcomin), ele próprio um mineiro que entrou nas galerias aos 14 anos e hoje, aos 48, sofre de silicose.

Na primeira semana de junho, uma assembléia escolheria novos dirigentes para a federação e Guevara voltaria à produção no Cerro. O paletó alinhado e os sapatos lustrados voltariam para o fundo do guarda-roupas. Mas não duas de suas convicções: a primeira, de que é



# O INFERNO BOLIVIANO

Potosí, maior mina do mundo até o século XVII é a cara suja da América Latina



Tio Jorge (acima) garante a proteção dos mineiros

preciso haver maior controle governamental sobre a atividade e sobre a atuação dos empresários do setor; a segunda de que as cooperativas precisam se fortalecer para melhorar a vida dos trabalhadores.

Desde 1985, quando foram extintos a Comissão Mineira da Bolívia (Comibol) e o Banco Mineiro da Bolívia, órgãos estatais que controlavam de forma monopolista a compra dos minérios, os empresários - a maior parte estrangeiros - atuam praticamente sem nenhum controle, garante Guevara. A evasão do Imposto Complementar Mineiro, de 2,5% sobre o que é produzido - ou melhor, sobre o que é declarado -, virou prática comum. "Algumas vezes os empresários declaram que não carregamento para o exterior há, por exemplo, uma tonelada de minérios. Na verdade, há 1,5 tonelada. Em outros casos, o volume declarado é o correto, mas a qualidade especificada é inferior à verdadeira. Tudo sem controle do Estado. "Há uma espécie de 'legalização' do desvio de impostos", explica o dirigente.

Para os mineiros, a situação piorou. "Como não há fiscalização sobre os preços praticados e são poucos os empresários do setor", diz Guevara "eles próprios costumam determinar quanto pagam e dizem: 'se não aceitarem o preço que proponho, não compro o mineral'. Os mineiros acabam aceitando qualquer oferta, pressionados pela necessidade de subsistência". Também são práticas comuns em Potosí que o intermediário forneça equipamentos aos trabalhadores em troca de produtos, cobrando ágio, ou rebaixe a qualidade do minério na hora da compra.

Idéias não faltam para melhorar a situação. O contador da Fedcomin, Pastor Pardo Guevara, irmão de Antônio, conta que existe um projeto para criação de um órgão, de propriedade das cooperativas, que centralizaria a produção e se encarregaria das vendas. Acredita que a instituição poderá triplicar os ganhos dos mineiros, já que a lucratividade dos empresários, alimentada pelo poder de determinar preços e rebaixar a qualidade do que compram, alcança os 200%.

Por enquanto, a instituição dá passos menores. Tenta alertar os trabalhadores de seus direitos e conscientizá-los sobre cuidados com a saúde e a importância da educação. Os resultados custam a aparecer e a tarefa é dura. "Precisamos mudar a mentalidade dos mineiros. Eles entram na mina, às vezes ainda crianças, e trabalham pensando apenas na subsistência até a morte ou a invalidez. Não pensam nos próprios direitos, conformados com a situação", observa Antônio Guevara.

Conformado com o futuro está, por exemplo, Jaime Niño Muñoz, mineiro que pretende continuar no Cerro enquanto aguentar o trabalho. Desenvolveu "uma relação" com a montanha e com a mineração, "única ocupação possível". Trabalha de segunda a sábado, doze horas por dia. A folga aos domingos, diziam os espanhóis, servia para que os índios *barbaros* da época colonial frequentassem a Igreja. Hoje, o catolicismo, apesar de ser a religião oficial do país, não preenche mais os domingos e perde cada vez mais espaço na vida dos potosinos.

**Terço no armário** - Até a tradicional procissão da Semana Santa acabou por falta de seguidores. Saía da frente da igreja do Calvário, vizinha ao mercado da rua Hernandez - onde ainda hoje os

mineiros se abastecem de comida e equipamentos - e subia até a igreja Coração de Jesus, no alto do Cerro. "No início eram muitas pessoas. Aos poucos o número foi diminuindo e logo não havia mais ninguém para subir. Acabou por falta de fiéis", explica a vendedora do mercado enquanto arruma em um pacote os produtos consumidos diariamente nas minas: grande quantidade de folhas de coca, álcool (97o GL), cigarros de tabaco negro e mais o "catalizador" - cinza de madeiras da região ou de cascas de banana mascadas junto com a coca para melhorar o sabor. "Hoje ninguém acredita em mais nada", completa a senhora gorda, sorrindo e revelando dentes contornados por ouro.

No entanto, nem mesmo a destruição de templos e imagens do período pré colonial, a proibição das principais festas religiosas indígenas e a perseguição de sacerdotes locais, medidas postas em prática pelos espanhóis logo após a conquista, apagaram completamente da memória do povo seus costumes mais antigos. Algumas tradições, como a de sacrifícios humanos, foram definitivamente abandonadas. Outras resistiram, como o *Uylanba*, adaptação contemporânea de um rito religioso popular entre os incas.

Na época, os exércitos do imperador Tupa Yupanki chegaram até a área onde hoje fica Tucuman (Argentina). Comemoravam, no período do solstício de verão, o *Intip Raymin*, em homenagem ao deus Sol. Ao amanhecer do dia marcado, o próprio imperador fazia uma oferenda de cerveja. Antes, precisava ficar vários dias sem se alimentar de comidas apimentadas ou salgadas e não podia manter relações sexuais. Depois da cerveja, eram sacrificadas lhamas, mais tarde queimadas em uma fogueira acesa por raios solares concentrados por um cristal côncavo.

Hoje em dia a festa ocorre nos dias 22 e 23 de maio. Os mineiros não adoram mais o sol, mas a *Pachamama*, a deusa Terra. Não oferecem cerveja. Espalham álcool, bebem muito e sacrificam lhamas brancas, também bebidas, que são degoladas. O sangue é jogado em volta da boca da mina - garantia de segurança e minérios para os trabalhadores. Também é à Terra que cada mineiro oferece, depois de tirar o capacete, um pouco de álcool antes de cada gole.

**"Tio Jorge"** - Mas *Pachamama* não reina absoluta no interior das minas. Divide o espaço principalmente com seu marido, o "tio Jorge" - o próprio diabo. Cada mina tem uma estátua do tio, que recebe folhas de coca, cigarros e álcool. A imagem tem o pênis ereto, garantindo a manutenção de um dos maiores orgulhos dos mineiros: sua virilidade. Cada um tem, em média, de seis a oito filhos, esperança de auxílio no trabalho do adulto e garantia de apoio para o sustento na velhice.

Na bochecha esquerda, "tio Jorge" traz um bolo de coca, representação do hábito mineiro de mascar as folhas durante todo o dia - na verdade um costume sagrado na época pré colonial. Banalizado depois pelos espanhóis como forma de garantir o trabalho por mais tempo (a coca diminui o sono, a sede, a fome e o cansaço) e ganhar dinheiro com a comercialização da planta. O professor Nathan Wachtel, da Escola de Altos Estudos Sociais de Paris, relata que a coca era indispensável aos índios porque permitia que trabalhassem quase sem comer. Consumiam, anualmente, 95 mil cestos de folhas - pouco menos de um milhão de quilos. Os negócios chegavam a movimentar meio milhão de pesos, que tilintavam nos cofres dos dominadores. "Os comerciantes espanhóis", Wachtel complementa, "controlavam o comércio da folha de coca, mas apenas a massa da população indígena a consumia".

(R.K.)



# Caça ao estanho reativou cobiça internacional

Hábito também popularizado pelos dominadores foi o consumo de álcool, anteriormente permitido só em festas religiosas. Os espanhóis vendiam vinho - bebida mais forte do que as tradicionais cerveja e *chicha* - e os índios se embebedavam com tanta frequência que o alcoolismo chegou a ser citado nas crônicas enviadas à Europa como característica típica dos povos andinos. Erro dos cronistas: por acreditar que o torpor alcoólico os colocava em contato com as divindades, os indígenas puniam severamente as bebedeiras sem motivos religiosos, portanto profanas. Havia dois castigos possíveis para o bêbado: a humilhação pública - a cabeça raspada para que todos soubessem de seu erro-, ou a morte, mesma pena aplicada a culpados de incesto, adultério ou homossexualismo.

Jaime Niño Muñoz tem na mão direita uma garrafinha com *ceibo* - álcool purificado para consumo como bebida, que a falta de dinheiro transformou em substituto do vinho. Na bochecha esquerda, o tradicional bolo de coca. (Pelo menos 120 folhas são necessárias para um bolo de bom tamanho, como o que pode ser visto na boca de taxistas e até dos guardas nas ruas bolivianas). No bolso de trás da calça jeans, carrega o produto das quatro primeiras horas de trabalho do dia. Com certo orgulho, sorriso no rosto, mostra uma pedra de não mais que 200 gramas com pequenas áreas onde a luz reflete. Não é prata, é *complexo*, mistura de zinco, estanho, pequenas quantidades de prata e minerais sem valor comercial. Muñoz terá de recolher 50kg de pedras como aquela para receber 20 pesos bolivianos. Na atual situação do Cerro, não conseguirá em apenas um dia de serviço.

**Ponte de ossos** - Fossem outros tempos a vida seria mais fácil. Os moradores de Potosí não cansam de repetir a história segundo a qual era possível construir, com a prata do Cerro, uma ponte ligando o cume da montanha às portas do palácio real espanhol, do outro lado do Atlântico. Dizem ainda, seguindo a mesma crônica feita por autores bolivianos, que outras duas pontes poderiam ser construídas ao lado da primeira com os ossos dos índios mortos na exploração das minas. Nesse ponto, o exagero não parece ter afetado muito a visão dos cronistas. Em seu livro *Veias Abertas da América Latina* o jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano afirma que, nos primeiros 300 anos de exploração, morreram em Potosí oito milhões de indígenas, número semelhante à população atual da Bolívia.

Eram vítimas do trabalho pesado nas minas e da contaminação por mercúrio, usado para separar a prata da terra a partir da década de 1550, época da descoberta de minas em Huancavelica, no Peru. O mercúrio, usado nos 150 engenhos ativos na cidade, escorria para o rio dos Engenhos, ainda hoje com as águas impróprias para consumo ou irrigação. Os gases que liberava durante o processo de amálgama contaminavam os índios. Primeiro perdiam os cabelos. Depois caíam os dentes. Por fim, uma tremedeira incontrolável anunciava a morte próxima.

Enquanto isso, os espanhóis tratavam de tirar tudo o que conseguiam da montanha. Mantinham 32 minas em atividade, algumas delas com enorme produção. Uma mostra da riqueza local: em 1626 foram retirados de Potosí 10 milhões de pesos em prata. Os números mostram apenas as quantidades declaradas e não o que foi traficado ilegalmente ou permaneceu com os trabalhadores.

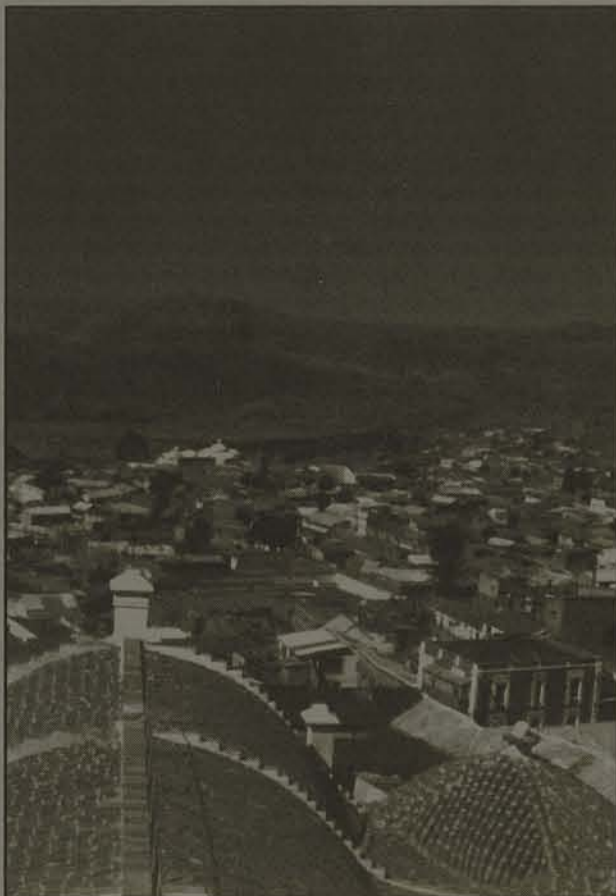
Praticamente secos, os veios de prata foram deixados de lado pelos interesses estrangeiros. A Bolívia só voltou ao centro das atenções internacionais em meados do século passado, quando foram descobertas enormes minas de estanho. Os Estados Unidos haviam tomado o lugar dos espanhóis na exploração e a divisão do trabalho continuou praticamente a mesma do período colonial: os bolivianos ficavam com o trabalho nas minas, com a silicose e com as baixas rendas da venda do minério bruto. Os EUA, principal consumidor do produto no mundo, controlavam os preços de compra e vendiam o mineral já tratado, por preços mais elevados.

Além disso, com o pretexto de defesa da "segurança nacional americana" - sem ao menos explicar como os desdentados miseráveis do altiplano podem causar problemas aos brancos de 1,80 metro de Nova Jorque -, os EUA mantêm militares no país e não se fazem de rogados na hora de apoiar governantes dispostos a imple-

mentar medidas que favoreçam interesses dos irmãos do norte. A desculpa são as drogas - produzidas na "bárbara" América latina, é verdade, mas consumidas principalmente pelos civilizados europeus e americanos.

A pedra continua nas mãos de Jaime Niño Muñoz e ainda reflete a luz das lanternas. Ele dá uma longa tragada no cigarro, feito com o agradável tabaco negro, e logo o cheiro do fumo toma conta de todo o ambiente, onde há pouca ou quase nenhuma circulação ou renovação de ar.

Apesar de sofrer de silicose, Muñoz, aos 55 anos, defende o tabaco negro como garantia contra as doenças do pulmão causadas pelos gases. Guardando novamente sua pedra, conta que nasceu em Oruro, cidade onde a mineração também é parte importante da economia. Assegura que fica nas minas até morrer, pois tem uma relação afetiva com o local que lhe dá o sustento há 30 anos. Ainda assim, não quer o mesmo para nenhum dos seis filhos: "eles terão profissão para nunca entrar aqui". Todos estudam - o mais velho, de 27 anos, faz medicina em Sucre e o mais novo, 17 anos, está completando o segundo grau.



Monumento à resistência mineira (alto), "aditivos" (centro) para suportar jornadas de mais de 20 horas de trabalho nas minas (acima) de Potosí (ao lado)

Textos: Rogério Kiefer  
Fotos: Dubes Sônego Jr.



# Oviedo congela diplomacia no Mercosul

**Ex-general tentou adiar seu isolamento na Terra do Fogo alegando implante capilar**

**A** renúncia do ex-presidente Raul Cubas Grau, em março deste ano, e o asilo político dele e do ex-general Lino César Oviedo depois do assassinato do vice-presidente Luis Maria Argaña comprometeram a unidade econômica e a diplomacia no Mercosul. O presidente da Argentina, Carlos Menem, suspendeu no mês passado uma reunião que teria com seu colega paraguaio, Luis Gonzáles Macchi, e exigiu pedidos oficiais de desculpas pelas críticas feitas por conta do asilo político concedido pela Argentina a Oviedo.

"Enquanto não houver uma reificação por parte do governo paraguaio, a reunião será impossível", disse Menem. A declaração mais forte partiu de um dos filhos de Argaña, o atual ministro da Defesa do Paraguai, Nelson Argaña. Ele chamou o presidente argentino de "sem vergonha".

O chanceler paraguaio, José Félix Fernández Estigar-

ribia reiterou na ocasião que "não existe a mínima chance de um acordo, por enquanto, para resolver a crise bilateral". O presidente Menem chegou a informar que Oviedo permaneceria em Buenos Aires e não seria transferido para a Patagônia, como acabou acontecendo em 29 de setembro. Surgiram rumores de que Oviedo deixaria a Argentina com destino à Venezuela, do seu amigo Hugo Chávez, ou para a Alemanha.

A crise foi criada depois que Oviedo declarou ao jornal argentino *La Nación*, que seria tranquilamente eleito se voltasse com garantias constitucionais ao Paraguai. Segundo fontes do governo Menem, citadas pelo jornal portenho, o plano do general é renunciar ao asilo político logo depois das eleições presidenciais argentinas de 24 de outubro e voltar ao seu país antes da posse do novo presidente no dia 10 de dezembro. As declarações foram consideradas como uma violação do asilo e o general foi confinado na cidade de Rio Grande, na Patagônia, extremo sul da Argentina.

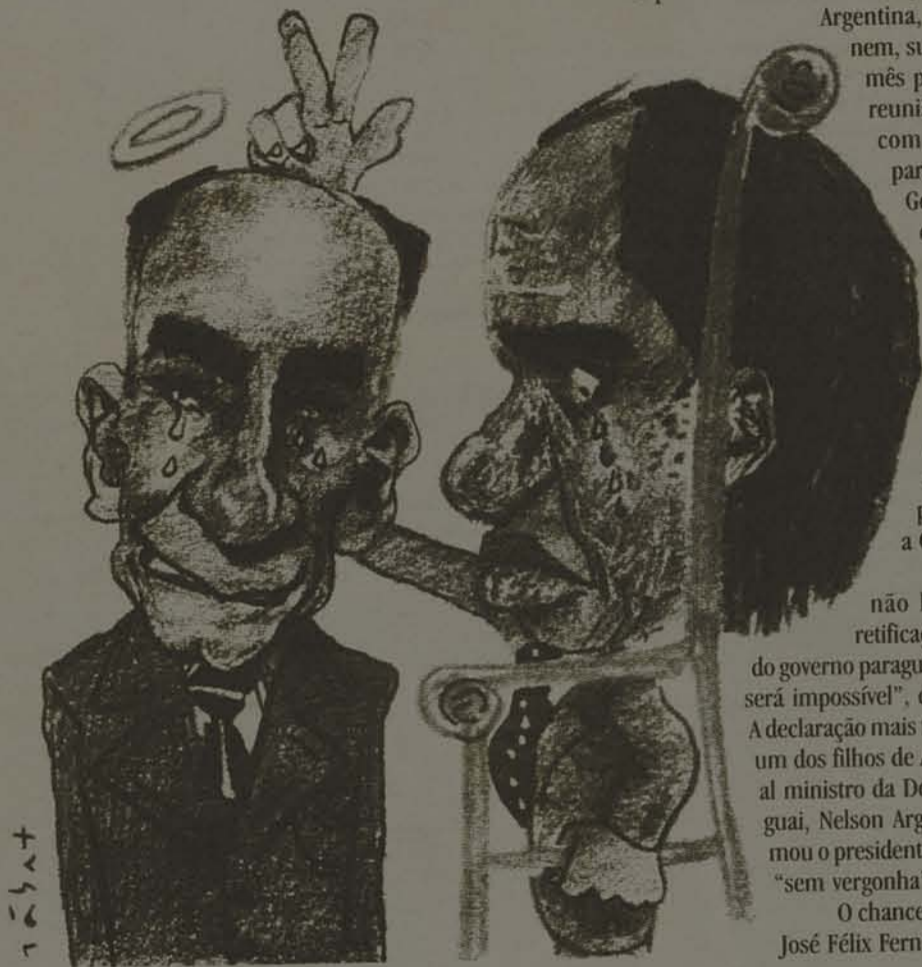
O distanciamento de Oviedo amenizou as relações diplomáticas entre os dois países, mas seu restabelecimento ainda está longe: Gonzáles Macchi, o atual presidente paraguaio, quer a extradição do general para cumprir dez anos de prisão pela suposta tentativa de golpe de estado em 1996 contra o ex-presidente Juan Carlos Wasmosy, e enfrentar as acusações de ter sido o autor intelectual do assassinato de Argaña e do seu guarda-costas, além dos 8 jovens que se

manifestaram contra o fato na Praça do Congresso.

**Apoio estratégico** - Para tentar retardar o seu isolamento, o ex-general pediu mais dois meses de prazo. O argumento foi considerado insólito pelos jornais argentinos: suas recentes operações rejuvenecedoras poderiam afetá-lo se ele fosse exposto ao clima rigoroso. Federico Pinto Kramer, advogado de Oviedo, apresentou uma carta à Presidência argentina, acompanhada de um laudo do cirurgião plástico José Curi no qual o médico atesta ter feito um implante capilar em Oviedo. Antes de ir para a Terra do Fogo, Oviedo foi aos tribunais argentinos para denunciar por fraude o *La Nación* e o jornalista César Sanches Bonifato, autor da matéria polêmica.

Caso Fernando de La Rúa, prefeito de Buenos Aires e candidato da aliança de centro-esquerda de oposição, ganhe as eleições deste mês na Argentina, Oviedo terá que se mudar. O general protegido por Menem não terá apoio idêntico de La Rúa, respaldado por 77% do empresariado do país, para conseguir o asilo definitivo. "Não queremos abrigar pessoal ligado a ditaduras ou a tentativas de golpe", disse um porta voz do seu partido.

Para o governo Menem, o apoio a Oviedo é uma questão estratégica dentro do Mercosul. Os funcionários do governo e políticos do partido do atual presidente acreditam que "o ex-general é um aliado", ao contrário do atual governo paraguaio, por eles tido como favorável ao Brasil.



## Facções coloradas continuam em eterna disputa

**Desde a queda do ditador Alfredo Stroessner, três alas divergentes do Partido Colorado brigam pelo poder no país**

O novo presidente do Paraguai, Gonzáles Macchi não convocou novas eleições por medo das urnas. Isso porque Oviedo reformou as forças armadas, que antes estavam em ruínas, ajudou com tudo o que podia os sem-terra (campesinos) e arrebatou massas com seus discursos, falando em guaraní (segunda língua oficial, e mais popular que o espanhol). A posição de governar com apoio da oposição até 2003 afastou Macchi da verdadeira solução democrática ou de uma transição para uma democracia.

Isso quer dizer que os ânimos estão mais calmos, mas, segundo analistas políticos paraguaios, a qualquer momento a violência entre as facções coloradas pode ser reativada novamente. Além disso, muitos acabaram esquecendo do engenheiro Juan Carlos Wasmosy. O ex-presidente forma outra facção dentro do partido colorado, a dos wasmosistas. Existe uma tese em Assunção sobre a morte de Argaña que não chegou a ser cogitada pela imprensa. A teoria é que o verdadeiro autor intelectual dos 'balazos' contra o vice-presidente tenha sido obra de Wasmosy. Os defensores dessa tese justificam-se dizendo que essa era a única forma de matar dois coelhos com um único tiro. Isso pode ser lógico já que apontaria todas as acusações do crime para Oviedo e apressaria o julgamento político de Cubas. O ex-presidente estava sendo processado justamente por ter libertado Oviedo logo depois da sua posse.

**Eleição conturbada** - Para entender o antagonismo entre as facções coloradas é necessário voltar um pouco no tempo. Depois de 89, quando caiu a ditadura de 45 anos do general Alfredo Stroessner, o general Andreas Rodriguez levou a nação às eleições que conduziram Wasmosy ao palácio de Lopez em 93. A eleição dele só foi possível com o apoio do então amigo Lino Oviedo. Wasmosy perdeu as eleições internas do partido colorado, mas os votos, guardados na Cavalaria, foram manipulados a seu favor por Oviedo, então comandante do quartel onde as urnas foram depositadas, em detrimendo do seu rival, Luis Maria Argaña.

Agradecido, Wasmosy promoveu Oviedo a chefe das Forças Armadas. Neste momento, começou a briga entre os dois. O atarracado general, que começou seu populismo fazendo em cinco dias,

*Paraguaios crêem que o ex-presidente Wasmosy pode ter sido o autor do assassinato do vice-presidente Luis Argaña na luta pelo Palácio de López*

obras que levariam dois meses, percorreu o país inteiro, deu apoio aos campesinos (sem-terra), preparando sua candidatura para as próximas eleições. Temendo uma ingerência, Wasmosy foi aconselhado a passar Oviedo para reserva, em 1996.

A coisa ficou feia para Oviedo quando seu populismo deu certo e a massa tomou gosto por sua candidatura à presidência. Quando ganhou as eleições primárias, Argaña, o presidente do partido colorado, segurou os votos o quanto pode, antes de divulgar o resultado e tentou dar o troco. Oviedo foi quem trocou os votos a favor de Wasmosy nas primárias da eleição anterior. Argaña sabia que Lino tinha ganho com larga folga, devido a sua campanha. Tentou mudar os votos mas não conseguiu.

**Brigas internas** - Ele não pôde dar o mesmo golpe porque Oviedo, cauteloso, postocou em cada local de votação, um oficial de justiça com a tarefa de conferir as relações dos votantes. Não bastasse isso, como os votos do interior não chegavam para a apuração em Assunção, Oviedo contratou comandos armados para reaver as urnas. Mesmo com sua vitória declarada pelo partido, Argaña não increveu Oviedo para disputar à presidência na Justiça Eleitoral. Isso só aconteceu à revelia dele, por determinação da justiça.

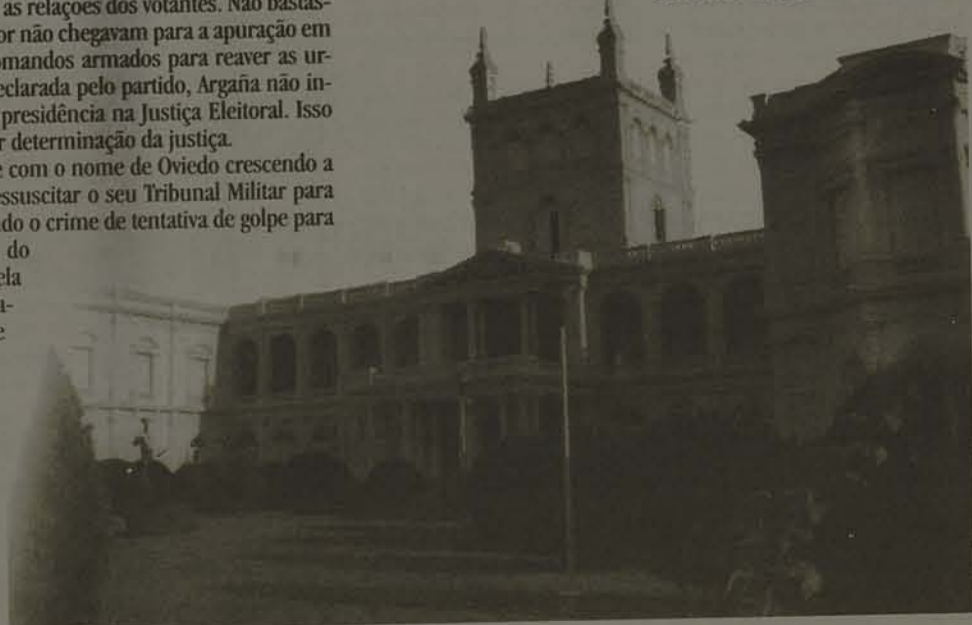
Como não tinha saída, e com o nome de Oviedo crescendo a cada dia, Wasmosy resolveu ressuscitar o seu Tribunal Militar para julgar o general em 98. Mudando o crime de tentativa de golpe para atentado contra a segurança do país, criou um tribunal, que, pela Constituição, só poderia ser usado em casos de guerra ou de grande distúrbio. Julgou um militar da reserva, que também é vetado pela carta magna, Wasmosy condenou Oviedo a dez anos de prisão.

Estava instaurada a crise política no país. O ge-

neral fugiu para não ser preso, e numa ação armada em sua casa, quando até Cubas, o seu vice, teve que ficar com as mãos no chão sob a mira de armas, Wasmosy tentou incriminá-lo com um dossiê.

Só que o tiro saiu pela culatra. A Polícia Nacional chegou 30 minutos antes do comando paramilitar de Wasmosy, não encontrou nada e foi obrigada a assinar uma ata confirmando a busca infrutífera. Os militares chegaram depois, acharam o documento "planejando guerrilhas no país", que, no entanto, não teve a mesma força para a opinião pública. Oviedo só voltou ao país depois que Cubas, vice na sua chapa, tinha sido indicado para ser candidato à presidência no seu lugar. Mas no caminho de Oviedo ao Palácio de Lopez estava mais uma vez Luis Maria Argaña. Oviedo foi libertado logo depois da posse de Cubas.

**Textos: Lúcio Lambranco**





# EUA bancou campanha contra governo Cubas

**Campanha pelo controle estatal do petróleo motivou ação norte-americana**

**A**lguns diplomatas brasileiros no país acham que a decisão de Cubas não foi uma renúncia forçada apenas pelas manifestações da juventude na praça do Congresso. Eles acreditam em um golpe (*una trampa*) da outra facção colorada (*argañistas*), da qual Gonzáles Macchi faz parte, contra o governo de Cubas e, principalmente, contra Oviedo.



Cubas(esq.), Gaviria(OEA) e Argaña

Segundo as mesmas fontes, a diplomacia norte-americana foi decisiva para derrubar o protegido de Oviedo. A razão para a intervenção e o apoio a Argaña foi econômica. Oviedo é o maior nacionalista do país e não avançaria com as privatizações, mantendo o Estado do mesmo tamanho para continuar seu populismo com as massas.

**Petróleo** - Em vários discursos, o general disse que não manteria um acordo histórico entre os EUA e o Paraguai. Os norte-americanos vem pagando muito antes da ditadura de Stroessner, para que o governo não explore uma grande

vendo os dois países mais pobres da América do Sul, foi provocada pela companhia Standard Oil de Nova Jersey.

Foi isso que denunciou o senador americano da Louisiana Huey Long em 30 de maio de 1934. A Standard financiou, segundo o senador, o exército boliviano para ganhar o Chaco paraguaio, necessário para estender um oleoduto da Bolívia até um rio na fronteira também

rico em petróleo. "Estes criminosos foram lá e alugaram seus assassinos", disse o senador. Mesmo com todo o nacionalismo, o exército paraguaio, que entrava numa nova guerra apenas 60 anos depois do conflito infernal da Tríplice Aliança, foi empurrado para a guerra pela concorrente da Standard Oil, a Shell.

**Guerra à toa** - A posição de quebra do acordo com os EUA e a fúria nacionalista de Oviedo também têm uma origem histórica. O Paraguai ganhou a guerra, mas acabou ficando com menos do que queria. Spruille Braden, notório personagem da Standard Oil, acabou presidindo a negociação que preservou para a Bolívia, e para Rockefeller, vários milhares de quilômetros quadrados que os paraguaios reivindicavam.

Foi esse tipo de nacionalismo que forjou a nação paraguaia e deu uma ditadura tão longa para Stroessner. Tudo mantido com o apoio incondicional dos EUA. Um pouco antes das "eleições" de 1968, o general ditador visitou os Estados Unidos e disse à France Press: "Quando me entrevistei como o presidente Johnson lhe manifestei que já há doze anos desempenho funções de primeiro magistrado por mandato das urnas. Johnson me respondeu que isto constituía uma razão a mais para continuar exercendo estas funções no período que vem".

Ao contrário do ditador, Oviedo não queria mais entregar o país ao interesses estrangeiros e ganhou a simpatia do povo, que é pobre mas muito mais politizado que as classes do mesmo nível social no Brasil. Os americanos acompanham com lupa, há muito tempo, a situação política no Paraguai. Os EUA nunca ignoraram a importância geopolítica do país encravado no centro da América do Sul.

**Golpe contra o protegido** - Outro fato curioso de interferência americana foi o golpe contra Stroessner. Nunca ninguém imaginaria que o responsável pela tomada de poder fosse o seu concunhado, o general Andrés Rodríguez. Mas essa foi a única saída, já que o caudilho paraguaio, assim como Pinochet no Chile, ganhava mais força a cada ano. No Chile a solução foi negociada politicamente com a anistia e o ditador virou senador vitalício, mas presidente paraguaio dava sinais de que não largaria o osso e muito mesmo acataria uma anistia. Então, autoridades dos EUA em Assunção, que tem na cidade uma das maiores embaixadas no continente e um contingente de *mariners*, ameaçaram entregar à opinião pública um dossiê contra Rodríguez.

O documento mostrava com "provas", o envolvimento do protegido de Stroessner com narcotraficantes e venda ilegal de armas. Sofrendo essa pressão, Rodríguez deu o golpe em 1989, com o apoio total de ninguém menos que Lino César Oviedo, o então comandante da Cavalaria, a única arma com capacidade de tomar o Regimento Presidencial e derubar o ditador.



## Paraguai

**Capital:** Assunção  
**Área:** 406.725 km<sup>2</sup>  
**População:** 5,2 milhões  
**Densidade demográfica:** 12 hab/km<sup>2</sup>  
**Composição étnica:** eurameríndios 95%, ameríndios 3%, europeus ibéricos 2%  
**Religião:** cristianismo 92,9% (católicos), outras 7,1%  
**Moeda:** Guarani  
**Cotação do 1 US\$:** 2.770,00 (julho/98)  
**PIB:** 6.977.000.000 dólares (1994)  
**Taxa de Desemprego:** 10,5% \*  
**Principais produtos:** algodão, açúcar, azeite vegetal, madeira, erva-mate, extrato de quebracho  
**Parceiros comerciais:** Brasil, EUA, Argentina, China  
**Presidente:** Luis Gonzáles Macchi

Fonte: Almanaque Abril e Encarta 2000  
 \* Fontes: Ceal, Cepal e Lafis.



Mesmo com baixo padrão de vida, paraguaios apoiavam nacionalismo de Oviedo

quantidade de poços de petróleo no Chaco paraguaio nas fronteiras com a Argentina e a Bolívia.

Isso manteria intactas as reservas paraguaias e as empresas privadas norte-americanas assumiriam a exploração quando a situação política permitisse. Até porque, com um crescimento econômico e tecnológico muito limitado, o Paraguai nunca conseguiu extrair suas riquezas do solo. Mas Oviedo disse em todos os discursos que não manteria o acordo e fez uma campanha equivalente à brasileira do "Petróleo é Nosso".

A Guerra do Chaco, na década de 30, com os vizinhos bolivianos foi justamente para defender esse manancial de petróleo. Heroicamente, comandados pelo general Estigarribia, os paraguaios venceram os bolivianos, que tinham nas suas fileiras mercenários do mundo inteiro, contratados e pagos por empresas de petróleo dos Estados Unidos. Segundo historiadores bolivianos da guerra, como René Zavaleta, o conflito conhecido como a "Guerra dos soldados nus", envol-

justiça civil paraguaia e não houve nenhum movimento de tropas para golpe naquele ano.

O presidente chamou o general para dar a notícia de sua passagem forçada para a reserva em seu gabinete e ouviu dele: "Não entrego o cargo. Não correr rios de sangue no Paraguai". Na mesma hora, como já se esperava, comprovando mais uma vez o apoio dos EUA contra a escalada populista de Oviedo, Wasmosy correu para dentro da embaixada norte-americana que, por sinal, fica a poucos metros da residência oficial da presidência.

Nenhum tiro foi disparado, no que a mídia bisonhamente, segundo fontes da Embaixada brasileira em Assunção, chama de tentativa de golpe. Antes de pedir apoio dos demais generais, o comandante da Cavalaria, que é a única força capaz de derrubar Wasmosy, depois de reunir-se com os demais comandantes, disse a Oviedo: "Se o senhor vai pular numa piscina sem água, nós não vamos acompanhar". Sem apoio, Oviedo retraiu suas forças e partiu para campanha a com o *pueblo*.

Textos: Lúcio Lambranh



Oviedo: golpe de mentira

## Mídia comprou golpe de Estado que nunca existiu

Lino "O" como é conhecido, o ex-general, tem um passado que compromete sua tese de inocência sobre o assassinato do ex-presidente, Luis María Argaña. Na batalha campal de 89, Lino Oviedo, segundo fontes militares paraguaias, fuzilou soldados, sargentos e até oficiais da guarda de Stroessner, mesmo depois da rendição.

Segundo a versão dessas mesmas fontes militares, não foi disparado um só tiro no golpe de 1996. E dizem mais: como nunca foi dado em toda cobertura da mídia, desde a morte de Argaña, Oviedo foi inocentado em todas as instâncias da



# O fim do patriarca

## Mesmo sem os dados da CIA, britânicos aprovaram extradição de Pinochet

Depois de quase um ano de disputas legais, o processo de extradição do ex-ditador chileno Augusto Pinochet para a Espanha é aprovado pela Corte Britânica. Entre 27 e 30 de setembro cinco audiências ocorreram em Londres e, assim como nos episódios anteriores, multiplicaram-se as pressões sobre a justiça inglesa e espanhola. O veredicto, que foi anunciado dia 8 de outubro pelo juiz Ronald Bartle, não significa o fim do processo. Como ambas as partes podem apelar, analistas jurídicos acreditam que o processo poderá se estender por meses ou até anos. Pois cada um dos lados poderá recorrer à Alta Corte de Londres. E a decisão da Alta Corte poderá novamente ser contestada por novos recursos espanhóis ou chilenos. Assim que todas os recursos forem esgotados, caberá então ao secretário do Interior britânico, Jack Straw, aprovar ou rejeitar, em caráter definitivo, o pedido de extradição feito pela Espanha.

Ao contrário de um processo regular, as provas não precisaram ser apresentadas; em vez disso, as audiências se concentraram nas leis da extradição, e de ambas as partes foram ouvidas longas argumentações. Os promotores que representam a Espanha levaram cerca de dois dias para apresentar todas as acusações. Já os advogados chilenos empenharam-se em utilizar todos os recursos necessários para impedir que Pinochet fosse para a Espanha. Ao contrário do que estes esperavam, Bartle considerou que as acusações contra o general representam crimes extraditáveis, que a Espanha tem jurisdição para julgar o ex-ditador e que toda a documentação do processo está correta.

A tática da defesa em basear-se na presumida saúde debilitada do general, fez aumentar a esperança de seus partidários. Dois dias após o término das cinco audiências, a emissora chilena, Rádio Agricultura, informava que teria fontes seguras de que a decisão da justiça britânica seria favorável a Pinochet, e que isso aconteceria por razões humanitárias. Dois dias antes do pronunciamento da sentença, o juiz Bartle declara que o ex-ditador chileno não precisaria comparecer ao tribunal britânico devido a sua saúde fragilizada. Tudo indicava um resultado favorável.

Na sede da Fundação Pinochet, no Chile, 200 simpatizantes esperavam a sentença e disseram que não deixariam de lutar, pois a pressão política a qual o juiz estava submetido tornava essa situação previsível. Eles acreditam que os tribunais do país tem jurisdição exclusiva para julgar os crimes cometidos em seu território e continuarão pressionando a Grã-Bretanha para conseguir a libertação com base na saúde do ex-ditador.

**Posição chilena** - Desde a prisão de Pinochet, o governo do Chile e a nova geração de chefes militares iniciaram uma avaliação que havia sido adiada nos anos da ditadura: 25 oficiais foram detidos e acusados de homicídio, tortura e seqüestro. Segundo funcionários do governo, um grande número de generais e outros oficiais, antes considerados intocáveis, ainda serão presos no próximo ano.

Tal onda de prisões resulta da perceptível mudança na atitude dos juizes chilenos e das altas patentes militares, ocorrida depois que Pinochet foi

acusado de crimes contra a humanidade. Os militares, liderados pelo general Ricardo Izurieta, estão negociando com advogados de defesa dos direitos humanos, na esperança de apurar o destino de muitos desaparecidos e identificar dezenas de oficiais suspeitos de ordenar execuções. Percebe-se que surge no alto comando militar, uma nova atitude em relação aos abusos passados. As acusações apresentadas, segundo leis internacionais, incentivaram oficiais chilenos a reconhecer publicamente, pela primeira vez, que violações ocorreram de fato.

A ausência do ex-ditador e atual senador vitalício, figura imponente que dominou o país por duas décadas, e a atenção dada às torturas e casos de desaparecimento, impedem que os oficiais chilenos obstruam os processos.

Com a morte de Gustavo Leigh Guzmán no segundo dia de audiência, Pinochet passa a ser o único remanescente da junta militar que derrubou o presidente socialista Salvador Allende, no dia 11 de setembro de 1973. Já morreram também o almirante José Merino e o diretor da Polícia César Mendoza. Leigh, que foi comandante-chefe da Força Aérea chilena até 1978, foi considerado um dos mais duros dirigentes militares da história chilena.

Nos próximos dias, membros da Confederação das Forças Armadas em Retiro se reunirão para decidir se uma delegação viajará a Londres para visitar Pinochet, os generais chilenos declararam que não esperavam esse resultado. Dentro dessa organização existe um movimento chamado *Chile Mi Patria*, da qual Pinochet é membro, que agora vai começar a analisar todos os passos do processo.

**Acusações** - Na Espanha as opiniões também estão divididas. Para expressar o que pensam alguns integrantes da esquerda e a maioria dos membros da direita, foi preciso que o ex-primeiro-ministro espanhol, Felipe González, declarasse: "Se o general Augusto Pinochet tem de ser julgado, então a Espanha não é o país mais apropriado para isso".

No entanto, Pinochet, que vive sob prisão domiciliar em Londres desde outubro do ano passado, foi processado com base em 35 acusações de violação dos direitos humanos, incluindo genocídio e tortura durante os 17 anos da sua ditadura: 1973-1990. O pedido de extradição foi feito pelo juiz espanhol Baltasar Garzón que deseja julgar o general em seu país já que cidadãos espanhóis foram vítimas do regime chileno.

Antes de iniciar as discussões, a justiça britânica deixou claro que não analisaria o pedido de libertação por razões humanitárias e que não pretende

interferir no sistema judicial. De acordo com o assessor jurídico do governo chileno, Jaime Lagos, as autoridades do seu país desafiarão a jurisdição da própria Corte de Haia, o mais alto tribunal das Nações Unidas, para analisar o caso. Agora os chilenos vão instaurar um processo contra a Espanha, alegando que esta não tem jurisdição sobre o processo.

Em março, Garzón teve quase todo seu trabalho invalidado. Ele investigou a morte de cidadãos espanhóis durante a ditadura no Chile, mas a Câmara dos Lordes, a mais alta corte britânica, determinou que Pinochet só poderia ser julgado por casos posteriores a 1988, ano em que Londres assinou a lei internacional contra a tortura. Sendo assim Pinochet responderia por apenas

uma acusação. Garzón protestou e acrescentou ao processo 33 novas acusações relacionadas à prática de tortura. Na audiência em que estas foram apresentadas, os advogados do general contestaram mas o juiz Bartle ordenou que a audiência prosseguisse. Ele considerou as acusações sérias demais para serem ignoradas. E segundo Garzón, todos os crimes do general são internacionais, portanto, passíveis de julgamento em qualquer lugar do mundo.

**Defesa** - Na fase final do processo os advogados de defesa tentavam de todas as maneiras mudar o eixo da discussão. Surpreenderam a promotora ao acusarem o juiz Garzón, responsável pelo pedido da extradição, de fazer um "pré-julgamento político" do ex-ditador chileno. Alegaram ainda que todos os crimes arrolados foram cometidos por outras pessoas e desde que acatado pelo tribunal, esse argumento invalidaria o processo de extradição. Também basearam sua defesa em outros casos semelhantes que aconteceram na Irlanda do Norte.

Clive Nicholls, o chefe da equipe de defesa, protestou contra as novas acusações de tortura que foram apresentadas por Garzón. Seu argumento era o fato de que estas ainda não existiam quando o secretário Straw autorizou, em abril, a abertura do processo. Nicholls também alegou que a Espanha não tem jurisdição para julgar Pinochet porque, segundo afirma, nenhum cidadão espanhol foi atingido pelas ações do seu governo.

As tentativas chilenas de afastar a Espanha do caso geraram uma forte campanha no país, o caso foi classificado como um assunto de soberania nacional. Os partidários reafirmam que continuarão a lutar pela libertação do general baseados em sua idade avançada e em seu estado de saúde.

**Relações internacionais** - Segundo a análise do ministro das Rela-

ções Exteriores, Abel Matutes, as relações diplomáticas estão tensas, quase no ponto de rompimento. O resultado favorável à extradição deixou o governo chileno preocupado com possíveis represálias às empresas espanholas situadas no Chile. Matutes afirmou que os vínculos econômicos com o país nos setores bancários, de telecomunicações, serviços de água e eletricidade e de um possível contrato de fornecimento de submarinos, estão sofrendo com isso. Pois estas são as principais iniciativas da Espanha para entrar em setores-chave da economia chilena. Ele informou ainda que Espanha, Chile e Reino Unido farão um esforço para que as relações entre eles mantenham-se com o "máximo de respeito".

Antes do início das audiências, surgiram boatos de que haveria um pacto entre Chile e Grã-Bretanha para a libertação de Pinochet, por motivos humanitários. Eles foram desmentidos pelo chanceler chileno, Juan Gabriel Valdés. Mas o que se sabe é que, nos anos 80, a Força Aérea do Chile (FaCh) deu apoio secreto às forças britânicas na Guerra das Malvinas. Em troca, o governo de Margaret Thatcher presenteou o Chile com três jatos, outros materiais importantes e até mesmo a interferência na ONU para a retirada da proibição de venda de armas ao regime de Pinochet. Tudo como agradecimento pelas compensações obtidas secretamente.

Nos Estados Unidos, logo após a prisão do general, a CIA e quatro departamentos do governo norte-americano foram encarregados pelo presidente Bill Clinton de reexaminar "todos os documentos que indicam violações dos direitos humanos, terrorismo e violência política" durante a ditadura chilena. A CIA ignorou a ordem e ainda não abriu seus arquivos, apenas informou que, no futuro, deve liberar alguns desses documentos. No entanto, alguns dos quatro órgãos resolveram acatar a determinação do presidente. Depois que foram divulgadas informações revelando o apoio da agência ao golpe, soube-se que há provas de que o general controlava diretamente as atividades do Diretório de Inteligência Nacional do Chile, DINA, sua polícia secreta.

Com tantos problemas, o chanceler Valdés acredita que a saúde do general não agüente um processo judicial de um ano e meio ou dois, e esta seria outra solução possível para a defesa: que o secretário do interior britânico afirmasse que Pinochet não se encontra em condições de enfrentar um julgamento. Conforme nota publicada no jornal *The Sunday Times*, ele teria sofrido um derrame que o deixou de cama por duas semanas. Michael Loxton, um dos médicos de Pinochet, informou ao tribunal que o general teria sido acometido por dois pequenos ataques de apoplexia nos dias 9 e 25 de setembro, e que uma ida ao tribunal poderia colocá-lo sob grande tensão.

Valdés disse que a grande preocupação do Governo chileno é com a saúde do ex-presidente e, no caso de sua morte, com os desdobramentos sobre a política no país, que desde os tempos da ditadura encontra-se cada vez mais dividida.

Clarissa Moraes



### Chile

Capital: Santiago

Área: 756.626 km<sup>2</sup>

População: 14,8 milhões

Densidade demográfica: 19 hab / km<sup>2</sup>

**Composição étnica:** europeus ibéricos e eurameríndios 95%, ameríndios 3%, outros 2%

**Religião:** cristianismo 89,9% (católicos 76,7% e protestantes 13,2%), sem filiação e ateísmo 5,8%, outras 4,3%

**Moeda:** novo peso chileno

**Cotação para 1 US\$:** 450,00 (julho/98)

**Taxa de Desemprego:** 8%\*

**PIB:** 54.200.000.000 dólares (1994)

**Principais Produtos:** vinho, frutas e hortaliças, produtos químicos e metalúrgicos, indústria de papel e derivados.

**Parceiros comerciais:** EUA, Japão, Bélgica, Luxemburgo, Brasil, Alemanha, Argentina e Reino Unido

**Presidente:** Eduardo Frei Ruiz Tagle (PDC)

Fonte: Almanaque Abril e Encarta 2000, de 1999

\* Fontes: Ceal, Cepal e Lafis.



# Política de Chávez ameaça democracia na Venezuela

**Ações do governo são comparadas às de Fujimori, que implantou a ditadura no Peru**

**A**umento dos gastos públicos em 20%, elevação da dívida externa e interna, sobrevalorização da moeda em 30% e uma herança de dívidas trabalhistas que chegam a 10% do Produto Interno Bruto (PIB). A Venezuela tem com estes números a única economia da América Latina na contra-mão do neoliberalismo. Tudo isso graças ao populismo econômico e político do ex-coronel e atual presidente, Hugo Chávez.

No meio da incerteza política e do nacionalismo existem apenas dois caminhos, apontados pelo doutor em ciências políticas pela Universidade Central da Venezuela, Carlos Romero: o processo político do presidente levará o país a romper com a democracia ao estilo de Alberto Fujimori do Peru ou a população vai se rebelar caso não aconteça uma melhora econômica nos próximos seis meses.

Chávez acredita que a alta do petróleo vai durar mais tempo e confia nas reservas cambiais de US\$ 15 bilhões. Mas para ajudar a queda da política estatizante no setor petrolífero todos os investimentos estrangeiros foram cortados. A crise será agravada porque o país depende de um único produto, o petróleo e de um único importador, os EUA. O sistema de entrega dos poços de petróleo para companhias americanas desde o início do século e o neoliberalismo, antes do governo atual, produziram a miséria do povo e ressuscitaram o sepultado "nacionalismo de esquerda". O resultado disso é uma população de 23,2 milhões de pessoas com 70% delas abaixo da linha de pobreza.

"aproveitamento" mas não regulamenta nenhum tipo de possibilidade para transferência, o que não define claramente o direito de propriedade para ninguém na iniciativa privada.

Para o professor Hugo Farias, economista do Instituto de Estudos Avançados da Venezuela, o ajuste fiscal anunciado pelo governo não permitirá o crescimento e o desenvolvimento sustentado, ambos dependentes do setor privado. No início do mês, conforme dados divulgados pela Coindustria, a produção industrial caiu 20% em média no primeiro semestre. Além disso, faliram 800 médias e grandes empresas. Foram perdidos mais de 600 mil empregos e o desemprego atingiu a marca de 20%, segundo a maioria das estimativas oficiais — um recorde mundial.

**Expansionismo** - Na sua última cartada populista, o presidente venezuelano ressuscitou no início do mês, uma antiga reclamação sobre o território da vizinha Guiana. Depois da independência em 1966, a Guiana herdou da coroa britânica o litígio territorial com a Venezuela de 160 mil quilômetros quadrados na região de Essequibo.

O local é rico em minerais e corresponde a dois terços do território da antiga colônia inglesa. A decisão de Chávez também serve como um ataque direto a influência norte-americana, já que no último dia 3, o país comemorou o centésimo aniversário do laudo arbitral dado pelos Estados Unidos e que tirou da Venezuela os seus direitos sobre a região em questão.

Logo que assumiu o governo, Chávez veio até o Brasil e ofereceu o petróleo como base para criação da Petroamérica. Nada podia desagradar tanto o interesse dos norte-americanos. Mesmo podendo ser reeleito, de acordo com nova proposta de Constituição, os analistas políticos do país só acreditam numa nova vitória do ex-coronel caso o país tenha um crescimento de 6% e uma inflação de apenas um dígito. O que é quase impossível devido à dependência dos preços do petróleo e dos investimentos estrangeiros quase nulos a cada avanço da política estatal e populista de Hugo Chávez.

**Imperialismo** - Mas a fuga de capitais não é um fato recente para os venezuelanos. É o que narra Eduardo Galeano no livro *Veias Abertas da América Latina*. "O certo é que, segundo cifras oficiais, na década de 60, a Venezuela não registrou o ingresso de novas inversões do exterior, mas pelo contrário, uma sistemática desinversão. A Venezuela sofre a sangria de mais de 700 milhões de dólares anuais".

A exploração econômica do país que até 1970 produzia 3,5 milhões de barris de petróleo por dia foram determinadas por empresas americanas como a Stantard Oil, Gulf, Texaco e Shell. Para se avaliar o tamanho do rombo criado pela iniciativa de exploração destas companhias basta citar o economista Domingo Alberto Rangel e seu livro *La cultura del petróleo* de 1968. Segundo ele, a Venezuela drenou uma riqueza que supera a usurpada pelos espanhóis na cidade de Potosí e a dos ingleses na Índia durante todo o período colonial. Mesmo declarando uma taxa de lucro entre 15% e 17% as mesmas empresas atingiam, em 1960, taxas de 38% a 48%.

Mas os sotaques de Oklahoma e Texas ressoavam pela primeira vez, nas planícies, selvas e no Lago Maracaibo já no início da década de 20. O ditador Juan Vicente Gómez (1908-35) deu de mão beijada nada menos que 67 concessões em menos de dez anos de governo. A primeira Lei do Petróleo venezuelana foi escrita, em 1922, por representantes de três firmas americanas.

"Quando o ditador Marcos Pérez Jimenez foi derrubado em 1958, a Venezuela era um vasto poço petrolífero rodeado de cárceres e câmaras de tortura, que importava tudo dos Estados Unidos: os automóveis e as geladeiras, o leite condensado, os ovos, as alfaces, as leis e os decretos", revelava Galeano em 1971.

A junta revolucionária que tinha acabado de assumir o poder elevou o imposto de renda das maiores empresas de 25% para 45%. Em represália, assim como o capital externo abandona agora o governo Chávez, o cartel de empresas dispôs a imediata queda do preço do petróleo e começou a despedir funcionários. Os governos seguintes também não nacionalizaram a extração do "ouro negro", ao contrário, em 1970, novas concessões foram entregues à empresas americanas.

Para definir a exploração econômica do país, o romancista que reinventou o inferno pré-fabricado de toda a cultura da conquista do país, Salvador Garmendia escrevia numa carta para Galeano em 69: "Você viu um bate-estaca, o aparelho que extrai petróleo cru? Tem forma de um pássaro grande cuja cabeça pontaguda sobe e desce pesadamente, dia e noite, sem parar um segundo: é o único abutre que não come merda. O que acontecerá quando ouvirmos o ruído característico do sorvedor ao acabar o líquido?".

Lúcio Lambranco



Com o PIB em queda e o desemprego atingindo um quinto da população do país, a Venezuela sofre retaliações pela política anti-americana do governo

Os números são claros desde que o ex-coronel e ex-golpista (92) Hugo Chávez assumiu o palácio de Miraflores. Seu governo contraria os interesses norte-americanos e por isso os investimentos desapareceram do país. O Produto Interno Bruto (PIB) encolheu nada menos que 9,4% no primeiro semestre de 1999 em comparação com o mesmo período do ano passado. Trágico para uma economia que tem uma projeção de crescimento de -0,6%, segundo a Lafis (Pesquisa e Investimento em Ações na América Latina). O desemprego avançou dos 8,7% de 1994 para 20% neste ano. A renda per capita caiu 9,8% neste mesmo período. Só perdeu para o vizinho Equador (-8,2%).

Estes dados revelam o quadro geral da região. Para analistas econômicos da América Latina, isto representa cinco anos rigorosamente perdidos para outros nove países - Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru, Uruguai, Bolívia e Paraguai.

Mas não há outra explicação para toda esta desgraça econômica e uma inflação entre 20% e 30% com o barril de petróleo chegando a US\$ 23 e com um aumento de 36% só neste ano. Domingos Maza, um dos diretores do Banco Central da Venezuela, tem certeza de que o fator principal da crise são as "incertezas políticas" e não apenas a cotação internacional do petróleo.

"A questão principal na economia da Venezuela é política. Chávez e seus aliados declaram que vão limpar as instituições do país de décadas de corrupção, libertando-as das oligarquias políticas. Os detratores do presidente dizem que ele está levando o país para uma ditadura", acrescenta Maza em depoimento à Gazeta Mercantil. Nenhum analista esquece que os passos de Chávez seguem a mesma cartilha do vizinho Peru, onde Fujimori desacreditou e destituiu o Congresso, ganhando superpoderes.

O dinheiro estrangeiro poderá sumir do país porque a proposta encaminhada pelo governo ao Congresso não garante mais os direitos de propriedade. A lei consagra apenas o "uso" e o



## Venezuela

**Capital:** Caracas  
**Área:** 912.050 km<sup>2</sup>  
**População:** 23,2 milhões (1998)  
**Densidade demográfica:** 24,3 hab/km<sup>2</sup>  
**Composição étnica:** eurameríndios 67%, europeus ibéricos 21%, afro-americanos 10% e ameríndios 2%  
**Religião:** cristianismo 92,7% (católicos)  
**Moeda:** bolívar  
**Cotação para 1 US\$:** 542, 50 (julho de 98)  
**Taxa de desemprego:** 15,5%\*  
**PIB:** 58.250.000.000 dólares (1994).  
**Principais produtos:** cana-de-açúcar (6,4 milhões de toneladas), banana (1,1 milhão de toneladas), petróleo (1 bilhão de barris) e bauxita (5,6 milhões de toneladas).  
**Parceiros comerciais:** EUA, Colômbia, Alemanha, Japão, Canadá, Brasil e Reino Unido.

**Fonte:** Almanaque Abril e Encarta 2000  
 \*Ceal, Cepal e Lafis



# Bolívia

por Dubes Sónego Jr



**ZERO**